CARTA AO LEITOR

AMOR À CAMISA

À primeira vista, pode parecer que é pequena a lista dos bons momentos vividos pela torcida do Botafogo desde 1970, quando PLACAR foi fundada. Afinal, boa parte desse período coincidiu com o longo jejum de títulos que os botafoguenses amargaram, entre 1968 e 1989. Mas à medida que folheávamos à coleção da revista, nos dávamos conta facilmente de que alegrias não faltaram, mesmo na fase mais negra. Afinal, em 1970 o Botafogo era a base da Seleção Brasileira campeã mundial no México; dois anos depois, o time meteu um inesquecível 6 x 0 no Flamengo de Zagallo; em 1978, com o mesmo Zagallo em seu próprio comando, ficou 52 jogos invicto, recorde brasileiro só superado pelo Bahia em 1982; em 1979, impediu que o próprio Flamengo quebrasse esse recorde. Depois voltaram os títulos — carioca, da Conmebol e, finalmente, o título brasileiro em 1995. A história de todos esses bons momentos — e de outros ruins, que não devem ser esquecidos, como a venda de General Severiano — foi contada nas páginas de PLACAR e está presente nesta edição, uma homenagem à fiel torcida do Fogão. ◻

ANDRÉ FONTENELLE, REDATOR-CHEFE

SUMÁRIO

Fundador
VICTOR CIVITA
(1907 - 1990)

Presidente e Editor: Roberto Civita
Vice-Presidente Executivo e Diretor Editorial: Thomaz Souto Corrêa
Vice-Presidente Comercial: Carlos R. Berlinck
Diretor de Publicidade: Paulo Cesar Araújo
Vice-Presidente de Negócios: Giancarlo Civita

Diretor de Núcleo: Paulo Nogueira

Diretor de Redação: Sérgio Xavier Filho **Diretor de Arte:** Fábio Bosquê Ruy **Redator-Chefe:** André Fontenelle **Editor de Fotografia:** Ricardo Corrêa Ayres **Editores Especiais:** André Rizek, Arnaldo Ribeiro e Fabio Volpe **Repórteres:** Eduardo Cordeiro, Léo Romano e Rodrigo Garofalo **Subeditor de Fotografia:** Alexandre Battibugli **Fotógrafo:** Eduardo Monteiro (RJ) **Diagramadores:** André Koguti e Crystian Cruz **Atendimento ao Leitor:** Silvana Ribeiro **Colaboraram:** Leonardo Fuhrmann, Marcelo Monteiro, Renata Chiurciu, Rita Palon

APOIO EDITORIAL: Depto. de Documentação: Susana Camargo **Abril Press:** José Carlos Augusto **Nova York:** Grace de Souza **Paris:** Pedro de Souza **Rio de Janeiro:** Débora Chaves

Diretor Comercial: Alexandre Caldini

MARKETING E CIRCULAÇÃO: Diretor: Ricardo Packness de Almeida **Gerente de Produto:** Euvaldo Junior **Assistente de Produto:** Erica Lemos **Promoções e Eventos:** Marina Decânio **Projetos Especiais:** Cristina Ventura
PUBLICIDADE: Diretores: Eliani Prado, Rogério Gabriel Comprido, Sérgio Ricardo do Amaral **Gerentes:** Cristiane Tassoulas, Ricardo Luffgardes (RJ) **Executivas de Negócios:** Leda Costa (RJ), Maria Isabel Mandia **Executivos de Contas:** Emiliano Hansenn, Henri Marques (RJ), Renata Miolli
PROCESSOS: Gerente de Produção: Andrea Giovanni Spelta **Coordenadores de Publicidade:** Iria Ferneda, Renato Rosante **Coordenador de Produção:** Ricardo Carvalho
PLANEJAMENTO E CONTROLE: Gerente: Auro Iasi **Consultora Financeira:** Lourdes Oliveira

Gerente Escritório Brasília: Angela Rehem de Azevedo **Diretor de Publicidade Regional:** Jacques Ricardo **Diretor Escritório Rio de Janeiro:** Paulo Renato Simões **Representante em Portugal:** Manuel José Teixeira **Diretor de Publicidade - Classificados:** Pedro Codognotto
ASSINATURAS: Diretora de Operações de Atendimento ao Consumidor: Ana Dávalos
Diretor de Vendas: William Pereira

EM SÃO PAULO: Redação e Correspondência: av. das Nações Unidas, 7221, 15º andar, Pinheiros, CEP 05425-902, tel. (11) 3037-2000, fax (11) 3037-5638 **Publicidade:** av. das Nações Unidas, 7221, 14º andar, Pinheiros, CEP 05425-902.

ESCRITÓRIOS E REPRESENTANTES DE PUBLICIDADE NO BRASIL: Belo Horizonte: av. do Contorno, 5919, 9º and., Bairro do Carmo, CEP 30110-100, Vânia R. Passolongo, tel. (31) 282-0630, fax (31) 282-8003 **Blumenau:** r. Florianópolis, 279, Bairro da Velha, CEP 89036-150, M. Marchi Representações, tel. (47) 329-3820, telefax (47) 329-6191 **Brasília:** SCN - Q.1 bl. Ed. Brasília Trade Center, 14º and., sl. 1408, CEP 70710-902, Solange Tavares, tel. (61) 315-7575, fax (61) 315-7558 **Campinas:** r. Conceição, 233, 26º and., conjs. 2613/2614, CEP 13010-916, CZ Press Com. e Representações, telefax (19) 3233-7175 **Curitiba:** av. Cândido de Abreu, 651, 12º and., Centro Cívico, CEP 80530-000, Marlene Hadid, tel. (41) 352-2426, fax (41) 252-7110 **Florianópolis:** r. Manoel Isidoro da Silveira, 610, sl. 107, Com. Via Lagoa da Conceição, Interação Publicidade, tel. (48) 232-1617, telefax (48) 232-1782 **Fortaleza:** av. Desembargador Moreira, 2020, sls. 604/605, Aldeota, CEP 60170-002, SRS Propaganda e Repres. e Com. Ltda., telefax (85) 264-3939 **Goiânia:** r. 10, 250, lj. 2, Setor Oeste, CEP 74120-020, Middle West Repres. Ltda., tel. (62) 215-3274, telefax (62) 215-5158 **Joinville:** r. Dona Francisca, 260, cj. 1408, Centro, CEP 89201-250, Via Mídia Proj. Editoriais Mkt. e Repres. Ltda., telefax (47) 433-2725 **Londrina:** r. Manoel Barbosa da Fonseca Filho, 500, Jd. San Fernando, CEP 86040-550, Best Seller Repres. Com., telefax (43) 325-9649 **Porto Alegre:** r. dos Andradas, 1001, sl. 402, Centro, CEP 90020-007, Ana Lúcia R. Figueira, tel. (51) 3211-6744, fax (51) 3211-[illegible] **Recife:** av. Dantas Barreto, 1186, 15º and., sl. 1501, São José, CEP 50020-000, [illegible] Ltda., telefax (81) 424-3210 **Ribeirão Preto:** r. João Penteado, 193, CEP 14025-010, [illegible] Repres. e Publ. S/C Ltda., tel. (16) 635-9630, fax (16) 635-9[illegible] **Rio de Janeiro:** Praia de Botafogo, 501, 1º and., bl. B, Botafogo, CEP 22250-040, Paulo Renato Simões, tel. (21) 2546-8100, fax (21) 2546-8201 **Salvador:** av. Tancredo Neves, 805, sl. 401, Edif. Espaço Empresarial, Pituba, CEP 41820-021, AGMN Consult. Publ. e Repres., telefax (71) 341-4992/4096 **Vitória:** av. Rio Branco, 304, 2º and., cj. 44, Sta. Lúcia, CEP 29055-916, [illegible] Arte Propag. e Marketing Ltda., telefax (27) 325-3329
ESCRITÓRIOS NO EXTERIOR: Nova York: 104 West 27th Street, [illegible] floor, New York, NY 10001, tel. (1-212) 924-0001, fax (1-212) 929-5157, e-mail: [illegible] **Paris:** 33, rue de Miromesnil, 75008, Paris, tel. (00331) 42.66.31.13, fax (00331) 42.[illegible], e-mail: abril-paris@wanadoo.fr **Portugal - Importação Exclusiva e Comercialização:** Abril-Controljornal-Editora, Lda., Largo da Lagoa, 15C, 2795 Linda-a-Velha, tel. (00351) 416-8700, fax (00351) 416-8701. Distribuição: [illegible] Distribuidora de Publicações, Lda., Capa Rota, Tapada Nova, Linhó, 2710 Sintra, tel. (00351) 424-[illegible], fax (00351) 924-0429

EDITORA ABRIL: Interesse Geral: Veja, Veja São Paulo, Veja Rio, Veja Edições Regionais, Veja na Sala de Aula, Superinteressante **Veja Negócios:** Exame, Brasil em Exame, Melhores & Maiores, Você S.A., Info Exame **Femininas:** Claudia, Claudia Cozinha, Elle, Nova, Nova Beleza, Capricho, Manequim, Ponto Cruz, Faça e Venda, Boa Forma, Viva Mais!, Ana Maria, Contigo, Minha Novela, Horóscopo **Masculinas:** Playboy, Placar, Quatro Rodas, Vip **Turismo e Aventura:** Viagem e Turismo, National Geographic **Guias:** Brasil, Rodoviário, São Paulo, Rio de Janeiro, Campinas, Belo Horizonte, Estradas, Praias, Mapas das Capitais, Rio-Santos, Atlas Rodoviário **Casa e Família:** Casa Claudia, Arquitetura & Construção, Saúde!, Bons Fluidos **Infanto-Juvenil:** Ação Games, Herói, Digimon, Disney, Super-heróis, revistas e livros de atividades **Abril Multimídia:** Livros ilustrados, CDs, Fascículos e Vídeos em Séries **Anuários:** Almanaque Abril, CD-ROM do Almanaque Abril, Guia Abril do Estudante
Editora Caras, Editora Símbolo, Abril Controljornal/Edipresse, em Portugal, Editorial Primavera, na Argentina
Internet: Idealyze, Abril.com, UOL, Usina do Som, Ajato **Entretenimento:** MTV Brasil, Abril Music, Abril Eventos, Abril Produções **TVA:** TVA Rio, TVA Sul Paraná, TV Filme Goiânia, TV Filme Brasília, TV Filme Belém **Datalistas:** O maior e mais completo banco de dados do país **Educação:** Editora Ática, Editora Scipione **Fundação Victor Civita:** Nova Escola

PLACAR 1204 M (ISSN 0104-1762), ano 32, é uma publicação semanal da Editora Abril S.A. **Edições anteriores:** solicite ao seu jornaleiro ou pelo e-mail: abril.ea@abril.com.br. O preço será o da última edição em banca, acrescido da tarifa de postagem quando for enviada pelo correio (sempre que houver disponibilidade no estoque). Distribuída em todo país pela Dinap S.A. Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo. **PLACAR** não admite publicidade redacional.

IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A. | ANER

Presidente e CEO: Roberto Civita
Gabinete da Presidência: José Augusto Pinto Moreira, Thomaz Souto Corrêa
Vice-Presidentes: Carlos R. Berlinck, Cesar Monterosso, Giancarlo Civita, José Wilson Armani Paschoal, Valter Pasquini

O BOTAFOGO FOI a base da Seleção Brasileira tricampeã do mundo no México: deu três jogadores (mais o lesionado Rogério, que acompanhou a delegação) e a base da comissão técnica. Mas tanto sucesso também tinha um preço, como mostra a reportagem de Fausto Neto

OS CAMPEÕES JÁ CHEGARAM, A CRISE CONTINUA

Jair sonha com muitos milhões e entre luvas e ordenados recebe apenas 6 500 cruzeiros mensais. Zagallo tem várias propostas e o Botafogo lhe oferece apenas 10 mil

>> POR FAUSTO NETO

Três jogadores tricampeões do mundo com participação direta em mais de um jogo da Copa: Jair, Paulo César e Roberto. Mais um jogador — Rogério — com participação indireta. O técnico da Seleção tricampeã. O médico que cuidou dos jogadores que deslumbraram o mundo. O preparador físico que chefiou uma equipe que mereceu louvores internacionais pela saúde dos jogadores da Seleção Brasileira. Isto tudo é o Botafogo.

Teoricamente, é o melhor time do Rio e um dos dois do Brasil — o outro é o Santos — com mercado certo no estrangeiro. Cobra as taxas mais altas entre os clubes cariocas para jogar no exterior e tem feito ótimos negócios na compra e venda de jogadores. Surpreendentemente, quando todos festejam a conquista do tri, quando o futuro parece róseo para o futebol brasileiro, o Botafogo entra em crise. Xisto Toniato, vice-presidente de futebol do clube, não faz segredo:

— Só através da interferência do governo, proibindo nos próximos dois anos a transferência de jogadores para o estrangeiro, poderemos reter nossos tricampeões. O interesse de clubes de for a traz uma inflação impossível de ser contida. Nosso jogador está supervalorizado e sabe disso. Nós, os dirigentes, também. Só que é impossível fazer milagres para atender aos desejos de todos.

Uma crise política sem precedentes ameaça o Botafogo. Antes da Copa, Xisto Toniato deu uma entrevista a PLACAR e declarou que não atenderia às pretensões de Zagallo, ainda que ele voltasse campeão do mundo. Paraguaio é o técnico substituto. Mas outras duas sombras ameaçam Zagallo: Didi e Gérson podem voltar ao clube nos próximos dias.

A situação é delicada, e Xisto Toniato sabe que está lidando com fogo. A realidade é mais forte: Roberto quer sair, tem uma proposta milionária do México. O contrato de Rogério termina em setembro e ele já falou — antes de a Copa começar — que deseja 400 mil cruzeiros de luvas. Pela Lei do Passe sua transferência custaria pouco, e há clubes nacionais e estrangeiros interessados.

Admildo Chirol tem uma idéia fixa: voltar às funções de técnico. Jair vive dias de glórias e fastígio — recebeu uma proposta de 90 mil cruzeiros para desfilar em Lisboa, a convite do governo português — e também preocupa, embora tenha renovado contrato pouco antes da Copa.

Acontece que os 6 500 cruzeiros mensais — luvas e salários — que recebe pouco representam diante do que exige Zequinha — reserva de Rogério —, que já recusou 3 500 cruzeiros mensais para assinar novo contrato.

Paulo César, na chegada ao Rio, entrevistado por uma televisão, fez esta declaração: "Depois dessa, não queremos saber do Botafogo." Chamado às falas pelos dirigentes, confirmou que disse, mas "sem querer". Queria livrar-se do locutor, "foi mal interpretado".

> "ANTES DA COPA, XISTO TONIATO DEU UMA ENTREVISTA A PLACAR E DECLAROU QUE NÃO ATENDERIA ÀS PRETENSÕES DE ZAGALLO, AINDA QUE ELE VOLTASSE CAMPEÃO DO MUNDO"

Jairzinho (contra Facchetti): um dos botafoguenses tricampeões

O MARACANÃ ENCHEU para ver a primeira apresentação dos botafoguenses que voltavam do México. PLACAR contou como foi

CINCO CAMPEÕES MUNDIAIS, BOA TORCIDA, NENHUM GOL

Foi uma festa que o torcedor carioca prestigiou. Foi uma festa para vários campeões do mundo, com muitos aplausos, muita alegria, festa bem carioca

>> **POR TEIXEIRA HEIZER**

Jairzinho — artilheiro da Seleção Brasileira na Copa do Mundo — corria e lutava como uma fera. Flávio, goleador absoluto nos últimos torneios disputados no Rio, tentava o possível e impossível. Mesmo assim, os 60 539 torcedores que pagaram ingressos não viram um único gol ao longo de 180 minutos de futebol — a preliminar foi entre Portuguesa e Bonsucesso —, no último domingo, no Maracanã.

Botafogo e Fluminense se apresentaram com seus cinco campeões do mundo, o que motivou maior presença da torcida. Mas a maior figura da tarde foi um jogador de futebol simples, que nunca esteve nas cogitações de qualquer selecionador, porque seu talento não lhe dá maior autonomia de vôo: Assis.

Falharam os artilheiros? Na verdade, Jairzinho foi duramente bloqueado por Denílson no primeiro combate, fora da zona de chute a gol, cabendo a Galhardo ou Assis e, às vezes, aos dois, o bote decisivo na entrada da área. Do outro lado, Nei e Leônidas cercaram Flávio e não lhe permitiram mais que um gol ilegítimo, em impedimento.

O melhor dos campeões do mundo foi Félix, com quatro defesas excelenteso. Outro campeão do mundo que não contou com muito apoio da torcida — Paulo César — foi o segundo em eficiência: ele buscou jogo, articulou manobras perigosas e até chutou a gol, principalmente em bolas paradas. De Jairzinho ficaram os rastros de algumas arrancadas enérgicas, bem ao seu feitio — mas a defesa do Fluminense não lhe permitiu as facilidades que ele teve no México. Roberto, sempre bem marcado, jamais encontrou meios de chutar a gol com algum sucesso. Marco Antônio, sem inspiração, esteve em plano inferior.

Sem serem campeões do mundo, Assis e Denílson brilharam no Fluminense, o mesmo ocorrendo com Carlos Roberto, Nei e Zequinha, no Botafogo. Este destroçou o sistema defensivo do Fluminense em três ou quatro ocasiões — jamais encontrou quem concluísse suas jogadas — e obrigou Marco Antônio a jogar à antiga, quase sempre preso ao seu próprio campo; apenas em duas ocasiões o lateral foi à frente com decisão.

Até que ponto a Copa do Mundo influiu na forma de jogar dos dois times? Em nada. O Fluminense mostrou seu esquema defensivo de sempre, com Denílson plantado à frente da área, com um falso ponta-de-lança — Jair — ajudando o trabalho de meio-campo e três homens na frente tentando aproveitar os lançamentos em profundidade.

No final do jogo, o público entendeu que as duas defesas tinham dado um nó cego nos ataques e que o empate sem abertura de contagem foi um prêmio aos dois times. Na primeira apresentação dos campeões do mundo no Rio, o torcedor viu um excelente jogo, disputado duramente.

> **"NA PRIMEIRA APRESENTAÇÃO DOS CAMPEÕES DO MUNDO NO RIO, O TORCEDOR VIU UM EXCELENTE JOGO, DISPUTADO DURAMENTE"**

4/7/70 MARACANÃ (RIO)

FLUMINENSE 0 X 0 BOTAFOGO

J: Armando Marques; **R:** Cr$ 262 120; **P:** 60 539

FLUMINENSE: Félix; Oliveira, Galhardo, Assis e Marco Antônio; Denílson e Didi; Cafuringa (Wilton), Flávio, Jair (Mickey) e Lula. **T:** Paulo Amaral

BOTAFOGO: Cao; Moreira, Moisés, Leônidas e Valtencir; Carlos Roberto e Nei; Zequinha, Roberto Miranda, Jairzinho e Paulo César Caju. **T:** Zagallo

Paulo César: torcida pegou no pé, mas ele jogou bem

A HISTÓRICA GOLEADA sobre o Flamengo veio no Campeonato Brasileiro, dentro de uma seqüência de vitórias botafoguenses. Jairzinho e "El Lobo" Fischer foram os heróis

A REAÇÃO DO BOTAFOGO

Por 11 vezes em oito dias o Maracanã assistiu a uma festa

Até a 18ª rodada, Botafogo e Nacional estavam disputando cabeça com cabeça a quarta vaga da Série C para a próxima fase do Campeonato Nacional. Agora, três rodadas depois, o Botafogo botou cinco pontos de vantagem sobre o Nacional e passou até o Santa Cruz, pulando para a terceira colocação no grupo, um ponto atrás do Atlético Mineiro.

O que aconteceu, de repente, com o Botafogo? A reação começou no jogo contra o São Paulo, time que estava em ascensão e com Pedro Rocha marcando gols um atrás do outro. O uruguaio foi lá, fez o dele, deu trabalho; mas no fim o Botafogo venceu por 3 x 2. Começava a deslanchar o ataque que já foi um dos melhores do Brasil.

O jogo seguinte, também no Maracanã, era um clássico carioca, daqueles em que a rivalidade está acima de tudo: Flamengo x Botafogo.

E foi exatamente aí que Zequinha, Jairzinho e Fischer arrancaram de vez. Nunca a torcida rubro-negra esperou sair do estádio curtindo uma derrota de 6 x 0 para o time do Cri-Cri.

Depois da goleada sensacional, ficou a certeza de que Jairzinho está de novo em forma excepcional, jogando com aquela garra da época da Copa do Mundo; de que Zequinha, quando resolve correr atrás da bola, justifica sua convocação para a Seleção Brasileira; de que Tim tinha toda razão de trazer Fischer da Argentina, pois o homem é craque mesmo.

Foi com esse moral que o Botafogo enfrentou o Fluminense domingo. Um jogão, com o tricolor fazendo bela partida e lutando até o fim pelo empate. Zequinha abriu o escore no primeiro tempo; Silveira empatou no segundo; logo depois, Jairzinho deu a terceira vitória consecutiva ao Botafogo. Nessas três rodadas, o time fez 11 gols e sofreu só três, quase garantindo a classificação.

"NUNCA A TORCIDA RUBRO-NEGRA ESPEROU SAIR DO ESTÁDIO CURTINDO UMA DERROTA DE 6 X 0 PARA O TIME DO CRI-CRI"

15/11/72 MARACANÃ

FLAMENGO 0 X 6 BOTAFOGO

J: José de Assis Aragão (MG); **R:** Cr$ 289 772; **P:** 46 279; **G:** Jairzinho 15, Fischer 35 e 41 do 1º; Jairzinho 23 e 38 e Ferreti 43 do 2º

FLAMENGO: Renato, Moreira, Chiquinho, Tinho e Rodrigues Neto; Zanata (Mineiro) e Liminha; Rogério (Caio), Humberto, Fio e Paulo César Caju. **T:** Zagallo

BOTAFOGO: Cao, Mauro Cruz, Osmar, Valtencir e Marinho Chagas; Carlos Roberto e Nei; Zequinha, Fischer (Ferreti), Jairzinho e Ademir (Marco Aurélio). **T:** Tim

FERNANDO PIMENTEL

Jairzinho acaba de fazer
mais um: goleada inacreditável

VICE-CAMPEÃO BRASILEIRO no ano anterior, o time se vingou do Palmeiras na Libertadores, no jogo-desempate da primeira fase. Mas acabaria eliminado pelo Colo Colo na fase semifinal

O AJAX QUE SE CUIDE

Ajax (campeão do mundo), Inter, Derby e Benfica estão brigando por lá. Chegaremos a enfrentá-los pelo título mundial? O Bota diz que sim

>> POR TEIXEIRA HEIZER

Dez homens amontoados sobre Jairzinho, um quadro emocionante, uma estranha comemoração, quase um massacre. Jairzinho acabava de marcar o segundo gol do Botafogo no jogo contra o Palmeiras, evitando uma prorrogação que não agüentaria e ganhando o direito de continuar disputando a Taça Libertadores. Alegria.

A impressionante cena vista a distância e outras que o grande público talvez não tenha percebido, como o beijo cinematográfico de Wendell em Fischer, revelavam, acima de tudo, o espírito de unidade que tomou conta do time do Botafogo, unidade e força que não chegam a ser quebradas nem mesmo pelos desentendimentos entre Fischer e alguns companheiros, ou vice-versa.

— Eu vivi um grande momento na minha vida. Um momento quase igual àqueles dos gols que marcamos no mundial do México. Por isso ajoelhei-me e rezei agradecendo a Deus. Não tenho vergonha disso (Jairzinho).

A diferença entre Palmeiras e Botafogo estava justamente aí. Em nomes como o de Jairzinho, gente acostumada às grandes decisões, quentes no todo do jogo, frias nos momentos necessários, fundamentais, mais importantes. Jairzinho tinha recebido o passe de Fischer aos 43 minutos do segundo tempo quando todo o Maracanã, com os nervos à flor da pele, mostrava nos olhos o olhar do medo e sufocava na garganta o grito de gol. Do passe preciso, à entrada na área, ao chute certo, ao desabafo coletivo. Gol.

— O gol pode ser analisado de várias maneiras. Naquele momento só pensei que não agüentaríamos uma prorrogação. Nós estávamos em desvantagem, músculos e nervos massacrados pelo jogo contra o Fluminense, que tinha arrancado tudo da gente.

O gol de Jairzinho matava um pouco mais aquela torcida tomada de alegria. Primeiro o de Marinho, com a cumplicidade e o azar de Luís Pereira; depois o de Ademir da Guia, que parecia dar números definitivos àqueles 90 minutos. Por fim o gol de Jairzinho, mais que um gol, a classificação do time que o tinha em seu ataque. Ganharia o Palmeiras, se Jairzinho estivesse vestindo a sua camisa.

De madrugada, quebrando o silêncio da noite, alguns grupos ainda gritavam pelas ruas: "Fogo, fogo." Um grito de guerra saído de garganta rouca enquanto cabeças ainda quentes já pensavam nos planos para o futuro. O presidente Rivadávia Correia Meyer mandava dois dirigentes a Assunção para verem o sorteio dos próximos jogos.

Leônidas, o técnico, um crioulo de fala mansa, amigo dos jogadores, conhecedor do segredo do futebol, vai superando, com humildade e firmeza, os problemas.

— Não abro mão do direito de escolha. Fischer é reserva. Roberto é titular.

Fischer, internacional, grande jogador, não aceita a reserva. Grita, reclama, perdoa, esquece, protesta. A torcida está com ele. Fischer joga beijos para a torcida. Discutível no time é a resistência da defesa. Marinho, seduzido pela vontade de atacar e marcar gols, nem sempre tem sua posição coberta por Scala, veterano e mais preocupado com a sua posição. Brito sente o peso da idade, e Valtencir — coração a serviço do clube — tem limitações que complicam sua vida. E a dos outros.

— No todo, temos o melhor time do Brasil.

O responsável pela frase cheia de orgulho é Roberto, dono de uma outra: "Se derem sopa vamos ter o maior time do mundo. É só chegarmos às finais do Mundial de Clubes".

"O RESPONSÁVEL PELA FRASE CHEIA DE ORGULHO É ROBERTO: 'SE DEREM SOPA VAMOS TER O MAIOR TIME DO MUNDO. É SÓ CHEGARMOS ÀS FINAIS DO MUNDIAL DE CLUBES'"

29/3/73 MARACANÃ (RIO)

BOTAFOGO 2 X 1 PALMEIRAS

J: Ramón Barreto (Uruguai); **R:** Cr$ 841 801,50; **P:** 88 690; **G:** Luís Pereira (contra) 6 do 1º; Ademir da Guia 17, Jairzinho 42 do 2º

BOTAFOGO: Wendell, Valtencir, Brito, Scala e Marinho Chagas; Carlos Roberto e Nei; Zequinha (Ferreti), Roberto (Fischer), Jairzinho e Dirceu. **T:** Sebastião Leônidas

PALMEIRAS: Leão, João Carlos, Luís Pereira, Alfredo e Zeca; Zé Carlos (Dudu) e Ademir da Guia; Edu (Ronaldo), Leivinha, Fedato e Nei. **T:** Osvaldo Brandão

LEMYR MARTINS

Jogo tenso pela Libertadores.
Jairzinho e Leão que o digam

DURANTE 17 LONGOS ANOS, o Botafogo ficaria longe de sua sede histórica. Não é coincidência que o período tenha coincidido com a maior crise que o clube já viveu

VIDA E MORTE DO VELHO ESTÁDIO

Durante 62 anos, o campo situado em frente ao Asilo dos Loucos foi pisado por craques inesquecíveis: Mimi, Leônidas, Heleno, Nílton Santos, Garrincha

>> **POR RONALDO BUARQUE**

A história de General Severiano é o próprio futebol do Botafogo, capítulo inesquecível e imprescindível à história do futebol brasileiro — escrito durante 62 anos de jogos oficiais, amistosos, treinos, contratações, eleições, brigas, carnaval, lágrimas, bailes, alegrias, acusações, pacificações. Gerações e gerações de grandes jogadores a desfilar diante dos olhos do legendário Carlito Rocha, mais de 80 anos e que jamais poderia supor que veria morrer o velho estádio antes que a própria morte o surpreendesse. Estádio da rua General Severiano, bairro de Botafogo, zona sul do Rio de Janeiro.

O terreno foi cedido a um grupo de diretores pelo ministro da Saúde do governo Hermes da Fonseca, Rivadávia Correia Meyer. Cedido a título precário, por sete anos, aluguel fixado em 300 mil réis mensais. Dezembro de 1912. O dia certo a história não registra, pelo menos de forma exata.

Durante 12 anos — entre 1912 e 1924, o clube utilizou as modestas dependências da rua General Severiano, renovando contratos a título precário com o governo, até que em 1925, dia 2 de janeiro, o presidente Artur Bernardes sancionava o decreto do Congresso autorizando o governo a ceder por aforamento ao Botafogo o terreno tão sonhado.

Mas até então General Severiano era chamado de estádio com muito boa vontade. Não passava de um bom campo de futebol. Era perpendicular à rua e havia espaços para muito mais coisas, caso o local fosse melhor aproveitado. O gramado mudou de posição. Ficou no sentido longitudinal à rua. À sua volta ergueram-se arquibancadas de concreto e duas enormes torres, locais reservados ao trabalho da imprensa. Salas, palanques, tribunas, tudo construído graças a um movimento popular, a Campanha do Cimento. Enfim, um moderno estádio, capacidade para 25 mil pessoas. Botafogo e Fluminense, o jogo da inauguração — 28 de agosto de 1938. Placar final: 3 x 2 para o time da casa.

A inauguração do Maracanã em 1950, começa a marcar o declínio dos outros estádios — e General Severiano não poderia ser exceção. Aos poucos o clube vai entrando na chamada espiral inflacionária. Perde uma de suas fontes de renda, que é o próprio estádio, e, com isso, o quadro social diminui. O esvaziamento de General Severiano é igual ao de outros estádios, só que com ele é mais doloroso, porque está imprensado numa zona já dominada inexoravelmente pela explosão imobiliária.

Sua opção é crescer ou morrer. Como não há espaço para expansão, resta-lhe a morte digna, que por pouco lhe negam. Ele foi hipotecado e quase entra numa ação de penhora, nada gloriosa para um estádio como ele, tão rico de memórias. O último lance, antes da ação das picaretas e dos caterpilares, foi a venda para a Companhia Vale do Rio Doce, por 90 milhões de cruzeiros, quantia que, se não aliviou sua agonia, pelo menos amenizou o futuro do clube que ele acolheu por tantos anos — Botafogo.

"A INAUGURAÇÃO DO MARACANÃ EM 1950, COMEÇA A MARCAR O DECLÍNIO DOS OUTROS ESTÁDIOS, E GENERAL SEVERIANO NÃO PODERIA SER EXCEÇÃO"

O velho estádio que tanta saudade deixou

DA VALORIZADÍSSIMA rua General Severiano para o bucólico subúrbio de Marechal Hermes, o Botafogo iniciava vida nova certo de que, com uma cirurgia radical, escapou da morte lenta

DE GENERAL A MARECHAL

Mesmo passando da fina Zona Sul do Rio para o longínquo subúrbio, o Botafogo crê que está ganhando uma promoção

>> **POR RAUL QUADROS**

As britadeiras, barulhentas, vão derrubando o velho estádio de General Severiano. O campo ainda está inteiro — uma concessão da Companhia Vale do Rio Doce, que comprou o terreno do Botafogo, para que o time não tivesse que ficar com uma mão na frente e outra atrás.

Mas a farra vai acabar: em agosto os treinos passarão para o campo do Manufatura, no subúrbio de Pilares, um passo para a turma ir-se acostumando com a mudança definitiva, em janeiro, para o novo estádio que o Botafogo vai construir em Marechal Hermes — mais ou menos ali onde o diabo perdeu as botas (o que, entendam, não significa nenhum menosprezo àquela gente boa da Zona Norte, mas indica a quilométrica distância entre o bairro e as tradições botafoguenses).

— Diziam que o Botafogo não tinha campo, não tinha dinheiro e não tinha time — relembra o presidente Charles Borer. — Pois queria ver agora a cara de quem disse tanta asneira. O Botafogo comprou uma área de 24 mil metros quadrados, onde iniciará imediatamente a construção de seu novo estádio, com capacidade para 35 mil pessoas. Estamos com 15 milhões de cruzeiros depositados, dinheiro vivo, nosso. E temos time também, como todos viram contra o Fluminense. Quem pensou que o Botafogo estava morto, iludiu-se. Estamos vivos, com os pés bem no chão.

Convalescentes, seria melhor dizer, depois de pertinaz moléstia que, se resistiu aos paliativos comuns, exigiu a drástica cirurgia, um verdadeiro transplante do coração do clube.

— Não tinha jeito — afirma o conselheiro Sandro Moreyra. — As administrações calamitosas, catastróficas, do Nei Cidade Palmeiro e do Rivadávia Correia Meyer deixaram o Botafogo moribundo. É triste ver demolir este estádio; tem gente, como Nilton Santos, que nem vem aqui, porque chora. Mas era a única saída: vender tudo, mudar. Agora vamos partir para a construção de um novo Botafogo; longe do bairro, muito longe da Zona Sul, mas com a velha dignidade recuperada.

Para os sócios antigos vai ser duro. Ir de Botafogo a Marechal Hermes é uma viagem. Mas Marechal Hermes é também uma esperança de popularização do Botafogo, que certamente vai movimentar as redondezas com novas opções sociais e esportivas.

É um bairro residencial — zona militar —, com 30 mil habitantes espalhados ao longo dos trilhos da Central do Brasil; tem um hospital geral e uma maternidade, um teatro mambembe e dois cinemas muito mais chegados a Mazarópi do que a Bergman. Jorge Rosa, torcedor do Botafogo e morador do lugar, pensa que tanto o clube como o bairro terão muito a ganhar com isso.

— Aqui no subúrbio tem muito garoto bom de bola. Então, o Botafogo ganhará sócios em quantidade e os garotos terão mais oportunidades para treinar. Eu, por exemplo, tenho três filhos entre os 16 e os 13 anos. Ninguém, porém, está mais exultante que Manuel, dito das chaves porque defende a vida num chaveiro bem em frente ao bar do português. Manuel, 20 anos, é nada menos que o subchefe da torcida organizada do Botafogo.

— Aqui está o contrato que Botafogo e União firmaram. Eu mesmo fui o intermediário da transação. Aliás, fui eu quem trouxe o Borer aqui para ver o campo. Ele viu, gostou e comprou. Estou orgulhoso, e seguro de que o Botafogo vai virar uma potência aqui em Marechal Hermes.

"CHARLES BORER: 'O BOTAFOGO INICIARÁ IMEDIATAMENTE A CONSTRUÇÃO DE SEU NOVO ESTÁDIO, COM CAPACIDADE PARA 35 MIL PESSOAS'"

O novo estádio: promessa de tempos melhores?

ENTRE 1968 E 1989, esta foi a única conquista que o torcedor botafoguense pôde comemorar. Deu ao time uma vaga nas finais do estadual. Um belo time que merecia mais que uma simples taça de turno

BOTAFOGO ESTÁ NA FINAL

Ganhou o time que lutou limpamente, que não convocou um batalhão de advogados e nem precisou mandar dirigentes oferecer polpudas gratificações por baixo do pano

>> POR PÉRIS RIBEIRO, LUIZ AUGUSTO CHABASSUS E ARISTÉLIO ANDRADE

Sem choro nem vela, merecidamente: Botafogo, vencedor do segundo turno e — juntamente com o Vasco, ganhador do primeiro — já classificado para a decisão final. Foi a vitória da aplicação, da seriedade, do futebol — que o time alvinegro primou em jogar de forma moderna, ao cobrir todos os espaços do campo, ao defender-se em massa, ao agredir com todos os seus jogadores. O Botafogo foi realmente — e disparadamente — o melhor time do segundo turno.

E o mesmo não aconteceu com alguns de seus adversários na briga pela vaga. Caso do Fluminense, que fez um papelão no Maracanã, que simulou contusões para interromper o Fla-Flu no segundo tempo, que continua muito parecido àquele time que deixou-se enrolar de maneira pífia pelo Inter nas finais do último Brasileiro. Caso também do América, ou de seus jogadores, que pela porta aberta de um regulamento esdrúxulo pretende estar presente na disputa do título pulando a janela, depois de forçar vaga no grupo dos perdedores, teoricamente formado por adversários incapazes de lhe fazerem frente.

Ganhou o Botafogo, que lutou limpamente, que não convocou um batalhão de advogados e nem precisou mandar seus dirigentes de mala e cuia a vestiários de outros times oferecer polpudas gratificações por baixo do pano.

A vantagem do Botafogo em Campos, diante do Goytacaz, foi manter a cabeça fria. Mesmo na primeira meia hora, quando o time local mostrou estar bem incentivado. O alvinegro segurou o jogo, melhorou sua atuação e, afinal, abriu a contagem, aos 44: Nílson Dias, depois de jogada coletiva.

No segundo tempo, a coisa até que ficou relativamente fácil. Só porque a torcida exigia que o Goytacaz empatasse de qualquer maneira. E tudo ficou sob domínio quando o time foi informado do que acontecia no Maracanã — o melê obrado pelo Fluminense.

Ao fim, uma festa, presente o botafoguense — e também presidente da Federação — Otávio Pinto Guimarães, que ofereceu ao clube a taça destinada "ao campeão". Campeão? Quer dizer: se o Botafogo ganhar este turno será bi; se vencer a decisão será tri. Mágicas de Otávio Pinto Guimarães...

Alegria tamanha que envolveu até o sempre calado Paulo Amaral, que se julgou em condições de falar em título de campeão — o sério, não o do papo de Otávio. Alegria e festa de quem trabalhou para merecê-las.

"O BOTAFOGO FOI REALMENTE — E DISPARADAMENTE — O MELHOR TIME DO SEGUNDO TURNO"

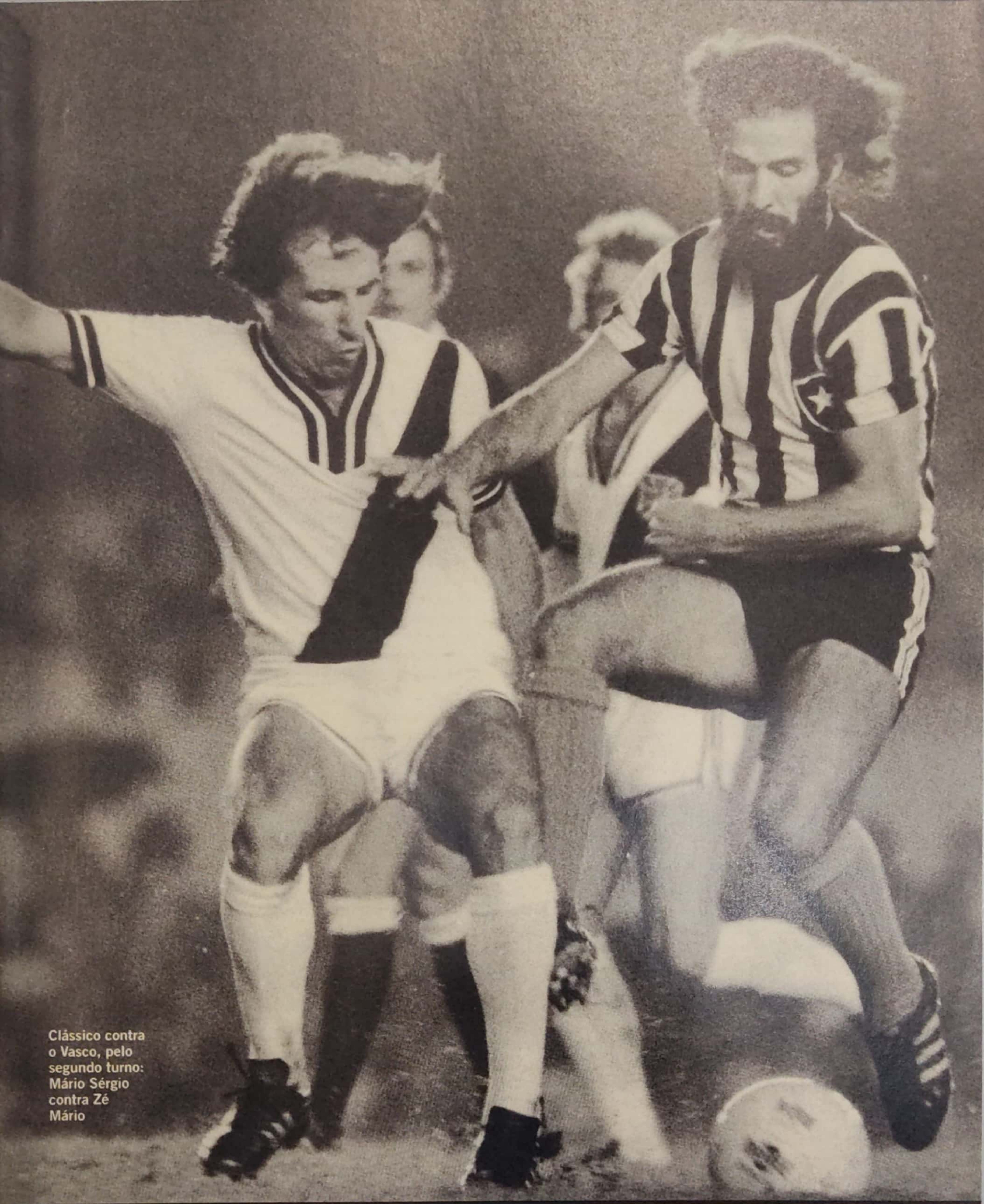
18/7/76 GODOFREDO CRUZ (CAMPOS)

GOYTACAZ 0 X 1 BOTAFOGO

J: José Roberto Wright; **R:** Cr$ 339 425; **P:** 13 607; **G:** Nílson Dias 44 do 1º; **CA:** Tuquinha

GOYTACAZ: Miguel, Batista, Totonho, Zé Rios e Tita, Ricardo Batata, Kiko, Tuquinha, Paúra (Chico Maravilha), Zé Neto e Wílson Bispo (Piscina).

BOTAFOGO: Ubirajara, Miranda, Nílson Andrade, Osmar e Marinho Chagas; Carbone (Rubens), Marco Aurélio e Cremilson; Ademir, Nílson Dias e Mário Sérgio. **T:** Paulo Amaral

RODOLPHO MACHADO

Clássico contra o Vasco, pelo segundo turno: Mário Sérgio contra Zé Mário

COM ZAGALLO NO COMANDO, o Botafogo chegou às finais do Brasileiro ostentando uma invencibilidade inédita no futebol nacional. O 52º jogo da lista foi contra o Palmeiras. A série acabaria no jogo seguinte, 0 x 3 contra o Grêmio

UM TIME QUE NÃO SABE PERDER

Foi Dé quem descobriu: o Botafogo, na ânsia de manter a invencibilidade, prefere empatar a ganhar. Com isso, vai cumprindo seu segundo Brasileiro invicto – e eliminado. Sem perder, mas sem ganhar: é a tese de Zagallo

>> POR SÉRGIO MARTINS

No hotel da pequena cidade de Agudos, onde o Botafogo ficou até a hora da partida contra o Noroeste, o técnico Zagallo desmentia notícias de jornais do Rio, em que ele declarava não haver "nada pior do que esse negócio de invencibilidade. Acho mesmo que se o time tivesse perdido uma dessas 50 partidas estaria em melhor situação agora, porque teria alcançado melhores resultados em outras."

— Eu jamais disse isso. Afinal, o que é melhor: perder ou ficar 50 partidas invictos? Não existe tensão entre os jogadores. Eles encaram a invencibilidade como uma coisa normal. Entram em campo para ganhar. A luta é pela classificação. Mas a invencibilidade é boa e não má. Nunca uma equipe brasileira alcançou um sucesso tão grande.

Sucesso ou defensivismo? Em 51 partidas, a equipe empatou 21 vezes (10 por 0 x 0, 8 por 1 x 1 e 3 por 2 x 2), o que dá um percentual de 41,1%. Fez 86 gols, dando uma média de 1,68 por partida, e levou 23 – média de 0,45 por partida.

— As acusações de que eu sou defensivista não vão acabar nunca. Em 1970, na Copa do México, fui genial. Em 1974, na Copa da Alemanha, virei defensivista. O esquema de jogo era o mesmo. Só que no México fomos campeões — explica Zagallo.

— A tática do Zagallo é armada para não levar gols em primeiro lugar e depois para fazer — confessa Zé Carlos.

— Não é verdade que jogamos atrás. O problema é que os adversários contra a gente entram motivados — afirma Osmar.

Ainda em Agudos, Dé explicava que o time do Botafogo se transformava quando o time contrário fazia um a zero. O medo de perder a invencibilidade era tão grande que não dava mais tréguas ao adversário, até conseguir o empate. Empatado o jogo, garantida a invencibilidade, o time voltava a cair na defesa.

Aos 38 minutos do primeiro tempo, o Noroeste fez 1 x 0. E, de fato, o Botafogo voltou transformado no segundo tempo. Até Osmar avançava. O time corria riscos quase que totais. Empatado o jogo, aos 32 minutos, nada mais se viu.

Nos vestiários, Osmar, Zé Carlos e Clóvis diziam a mesma coisa:

— Você viu como é que é? Contra o Botafogo é assim, todo mundo corre, se esforça, quer ganhar. Sabe como é, o time que ganhar do Botafogo vira manchete nos jornais de todo o Brasil. Vai entrar para a história.

A verdade é que o Botafogo teve oportunidades de não chegar a essa encruzilhada. Em seu 24º jogo — um amistoso contra o Uberlândia — Zagallo mandou que a equipe saísse de campo quando o juiz assinalou um pênalti aos 40 minutos do segundo tempo. Naquela altura, a partida estava empatada em 2 x 2 e dificilmente haveria tempo para uma reação.

— Esse negócio de invencibilidade não estava preocupando a gente até os jornais começarem a badalar. Aí, passamos a nos preocupar muito em não perder. Queríamos bater o recorde brasileiro. O problema é que batemos o recorde brasileiro no último jogo da fase semifinal. Depois vinha o jogo contra o Flamengo, diz o goleiro Zé Carlos. E não podíamos mais perder.

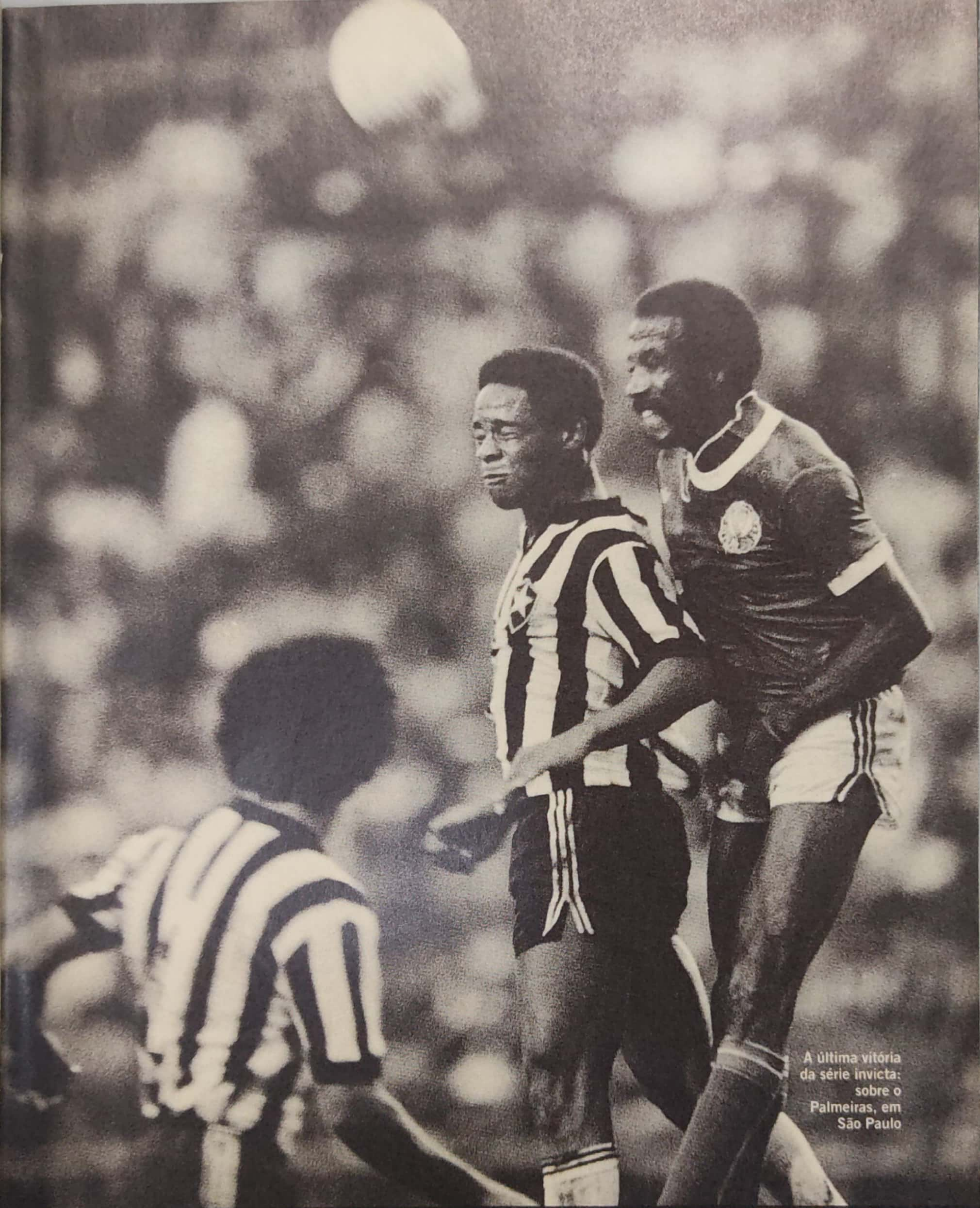
"EM SEU 24º JOGO – UM AMISTOSO CONTRA O UBERLÂNDIA – ZAGALLO MANDOU QUE A EQUIPE SAÍSSE DE CAMPO QUANDO O JUIZ ASSINALOU UM PÊNALTI AOS 40 MINUTOS DO SEGUNDO TEMPO"

12/7/78 PACAEMBU (SÃO PAULO)

PALMEIRAS 1 X 2 BOTAFOGO

J: Carlos Sérgio Rosa Martins (RS); **R:** Cr$ 1 901 840; **P:** 64 572; **G:** Jorge Mendonça 2 do 1º; Dé 2 e João Paulo 42 do 2º; **CA:** Manfrini e Rodrigues Neto

PALMEIRAS: Leão, Rosemiro, Beto Fuscão, Alfredo e Vacaria (Pedrinho); Pires, Toninho Vanusa e Jorge Mendonça; Sílvio (Escurinho), Toinho e Nei. **T:** Jorge Vieira

BOTAFOGO: Zé Carlos, Beto, Osmar, Renê e Rodrigues Neto; Mendonça, Manfrini e Clóvis; Cremilson, João Paulo e Dé. **T:** Zagallo

A última vitória da série invicta: sobre o Palmeiras, em São Paulo

O RUBRO-NEGRO estava a um empate de quebrar o recorde de invencibilidade do Botafogo. E ia pegar o próprio Botafogo no Maracanã. O estádio lotou para ver o dia de glória do goleiro Borrachinha

BOTA: UM GOL, UM HERÓI

O gol de Renato Sá abriu o caminho para a vitória. Depois, Borrachinha defendeu tudo — o herói do Bota que parou o Fla

>> POR MARCELO REZENDE

A multidão se arrasta pelas rampas do Maracanã. Multidão triste, calada, bandeira preta e vermelha enrolada. As luzes, aos poucos, vão se apagando. Por ironia ou maldade, o placar é deixado por último, testemunhando até o fim o desastre: Botafogo 1 x 0. No gramado, um gandula, dois radialistas e um rapaz alto, magro, sem prática de dar entrevistas: Borrachinha. Mas quem é Borrachinha, o quarto goleiro do Botafogo, o homem que acabou com o sonho do Flamengo de permanecer invicto 53 jogos, estabelecendo novo recorde brasileiro?

— Não é possível. Como fomos perder para o time do Borrachinha?

José Francisco Luís, rubro-negro de 28 anos, chora na descida da rampa. Picou muito papel para festejar o Flamengo, furou o bloqueio da polícia e entrou com seis morteiros na arquibancada — três para soltar na entrada do time, dois para os gols, um para o final. E perdeu para o time do Borrachinha.

— No Botafogo, ninguém acredita em mim.

Mas quem é Borrachinha, revelado aos 29 anos, que em 1977 recebeu um convite de Cláudio Coutinho para assinar com o Flamengo, mas na véspera tinha firmado contrato com o Botafogo? Quem é esse Borrachinha que começou no Flamengo em 1965, foi dispensado em 1973, passou pelo Campo Grande e por Fast, Rio Negro e Nacional, todos do Amazonas, e só tem uma boa recordação da profissão?

— Foi em 76 — explica Borrachinha. — O Nacional perdeu apenas de 1 x 0 para o Corinthians, no Morumbi. Fui o herói do jogo, dei 20 entrevistas, as únicas de minha vida.

— Mas como, mulher? Como sofremos aquele gol? Estava certo de que íamos golear. Ainda mais quando li na escalação do Botafogo: Borrachinha — outro comentário de José Francisco.

Inconsolável, ele jamais se esquecerá da saída de bola dada por Borrachinha logo no começo do primeiro tempo. A bola passou de pé em pé, até Manguito mandar pra linha de fundo. Batido o escanteio, uma rápida troca de passes e a bola cai dos pés de Renato Sá, que dá um chapéu em Toninho e mete de pé esquerdo. Gol de Renato Sá, o mesmo que em 1977 marcou dois dos três gols da vitória do Grêmio sobre o Botafogo que, naquele dia, buscava sua 53ª partida invicta.

O pai de Borrachinha é o ex-goleiro Luís Borracha, ex-Flamengo e Seleção Brasileira. Os saudosistas rubro-negros garantem: o velho Luís Borracha foi o melhor goleiro que passou pela Gávea em todos os tempos.

Depois do jogo, num vestiário inundado, Borrachinha contou suas proezas sem muito alarde. Deu 27 entrevistas, três delas para o mesmo radialista, respondendo a mesma pergunta: "Você estava nervoso?"

Respondeu a todos. Correu para sua casa, no Jardim Botafogo. O percurso foi rápido. Borrachinha chega e logo procura pela mãe, Dona Ilza. E deixa escapar o comentário:

— Meu pai mora nessa casa aí da frente.

E o pai, Luís Borracha, separado de Dona Ilza desde que o garoto tinha três anos, não estava em casa justo no dia em que Borrachinha tinha sido herói.

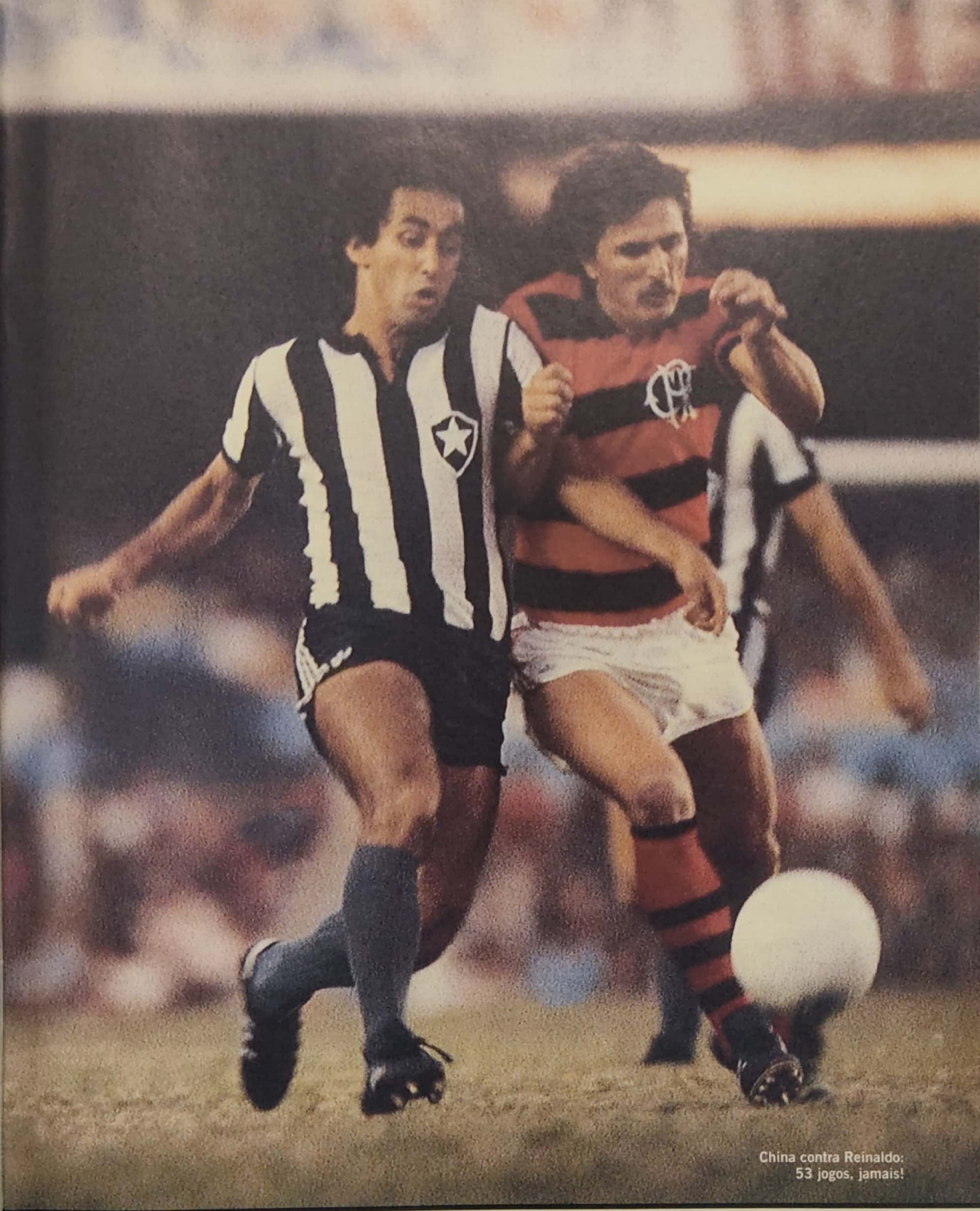
— Amanhã eu falo com o velho.

Os olhos, pela primeira vez, ficam tristes. Mas Borrachinha segue em frente, invade a casa humilde, de sala apertada e dois quartos. A mãe o abraça forte, chora. Tios, amigos, parentes e amigos o esperam para uma festa. Atende o telefone, ri, come seis fatias de bolo. E os olhos têm lágrimas.

DEU 27 ENTREVISTAS, TRÊS DELAS PARA O MESMO RADIALISTA, RESPONDENDO A MESMA PERGUNTA: "VOCÊ ESTAVA NERVOSO?

3/6/79 MARACANÃ (RIO)

FLAMENGO 0 X 1 BOTAFOGO

J: José Roberto Wright;
R: Cr$ 8 442 595,00; **P:** 139 098;
G: Renato Sá 9 do 1º; **E:** Perivaldo
FLAMENGO: Cantarele, Toninho, Rondinelli, Manguito e Júnior; Paulo César Carpeggiani, Adílio (Luisinho) e Zico; Cláudio Adão, Reinaldo e Júlio César (Carlos Henrique). **T:** Cláudio Coutinho
BOTAFOGO: Borrachinha, Perivaldo, Nílson Andrade, Renê e China; Ruço (Romero), Mendonça e Gil; Marcelo, Renato Sá e Ziza (Chiquinho). **T:** Joel Martins

China contra Reinaldo:
53 jogos, jamais!

QUE BOTAFOGUENSE NÃO SE LEMBRA do memorável clássico em que o poderoso Flamengo de Zico, às vésperas de ser campeão do mundo, foi eliminado do Brasileiro pelo time de Mendonça?

OS GOLS QUE VÃO DECIDIR

O tricolor terá aumento de salário. O botafoguense quer ser artilheiro da Taça

O técnico Paulinho de Almeida fez questão de erguer Perivaldo nos braços. Era sua homenagem à raça botafoguense, da qual Perivaldo foi o melhor exemplo na memorável vitória sobre o Flamengo. Mendonça assistiu a toda a cena de um canto do vestiário sem demonstrar o menor ciúme. Nem precisava. Antes, já havia sido homenageado pela torcida, que não se cansou de gritar seu nome: ele foi o cérebro do time, autor de dois dos três gols do Bota — o último dos quais, antológico.

— Ali, entre os zagueiros de área e os laterais, mato qualquer defesa. Já tenho 14 gols, um a menos que o Nunes, atual artilheiro da Taça de Ouro. Agora, vou tomar a ponta e ser campeão.

Para isso, terá de passar pela forte defesa do São Paulo, a menos vazada do campeonato. Mas Mendonça não parece preocupado:

— Marinho desce muito ao ataque e por ali fica fácil entrar. Quanto ao Oscar, só é bom pelo alto. No drible, levo fácil.

Mendonça tem o segredo da vitória: na frente, seus gols; atrás, impedir que os pontas do São Paulo trabalhem para Serginho.

Se os dois técnicos cumprirem à risca suas promessas, teremos no Maracanã um jogo congestionado no meio-campo e muito cauteloso. Mas, como só a vitória lhe interessa jogando em casa, é inevitável que em algum momento o Botafogo se lance mais decididamente ao ataque. E é nessa hora que Paulinho pretende repetir um truque que deu bons resultados com o Fla:

— Entro com o Ziza na ponta-direita para impedir as avançadas do Marinho. Depois, coloco Édson, ponta veloz, ótima opção para o nosso ataque. Deu certo com o Júnior, vai dar também com o Marinho.

Na defesa, a primeira preocupação do Botafogo será anular os pontas do São Paulo — "os principais responsáveis pelos gols de Serginho", na opinião do técnico. A missão de parar o artilheiro tricolor será confiada a Gaúcho, que, depois de domingo, garante que não teme mais nenhum atacante: "Duro é marcar o Zico, que se movimenta o campo todo. O Serginho joga paradão e facilita o trabalho do marcador." Rocha se encarregará de vigiar Renato. E promete que será sua sombra: "Tenho fôlego pra 90 minutos ou mais. Comigo, ele não vai ter vida boa."

Quanto a Carlos Alberto Silva, não parece tão preocupado em armar esquemas especiais de marcação. E explica por quê:

— O Botafogo é um time equilibrado, mas não tem ninguém que desequilibre. É só vigiar um pouco o Mendonça e o Mirandinha. O primeiro trabalha bem a bola e se mete bem; o segundo é oportunista.

Carlos Alberto diz que preferia enfrentar o Flamengo que, a seu ver, atravessa um período de muitas brigas internas. Mas os jogadores, em sua maioria, festejaram a classificação do Bota. Para eles, é um alívio não ter de enfrentar a galera rubro-negra no Maracanã. Galera que, domingo, foi protagonista de um trágico incidente: à saída da geral superlotada, a torcida rubro-negra reagiu às gozações dos botafoguenses e armou uma tremenda briga. No corre-corre, Jorge da Silva Santos morreu pisoteado. Um episódio triste na semana em que os cariocas se emocionam com a perspectiva do Botafogo conquistar seu primeiro título, depois de 12 anos de jejum.

"MENDONÇA FOI O CÉREBRO DO TIME, AUTOR DE DOIS DOS TRÊS GOLS DO BOTA — O ÚLTIMO DOS QUAIS, ANTOLÓGICO"

18/4/81 MARACANÃ (RIO)

BOTAFOGO 3 X 1 FLAMENGO

J: José Roberto Wright; **R:** Cr$ 26 741 550; **P:** 135 487; **G:** Zico 4 e Mendonça 44 do 1º; Jérson 40 e Mendonça 43 do 2º; **CA:** Júnior, Zé Eduardo, Vítor, Marcelo e Jérson
FLAMENGO: Raul, Carlos Alberto, Luís Pereira, Marinho e Júnior; Vítor, Andrade (Carpegiani) e Zico; Tita, Peu (Anselmo) e Adílio. **T:** Dino Sani
BOTAFOGO: Paulo Sérgio, Perivaldo, Gaúcho, Zé Eduardo e Gaúcho Lima; Rocha, Ademir Lobo e Mendonça; Ziza (Édson), Marcelo (Mirandinha) e Jérson. **T:** Paulinho de Almeida

Gaúcho Lima rompe entre os rubro-negros: 3 x 1 antológico

DURANTE CINCO ANOS, enfrentar o Vasco foi um suplício. Empurrado pela força de sua superstição, o Bota venceu o jogo e um antigo complexo

SOSSEGA, FOGÃO: O TABU JÁ ERA

O uniforme branco dava azar – não dá mais. O Botafogo teve de enfrentar velhas crenças para quebrar um tabu de 19 jogos. Foi o triunfo da coragem

>> POR MARCELO REZENDE

Em 31 anos de Maracanã, poucas vezes se viu um jogo tão inacreditável como o do último domingo. Ao vencer o Vasco por 3 x 1, o Botafogo quebrou uma escrita de cinco anos sem vitória (a última tinha acontecido em julho de 1976, também por 3 x 1) e reviveu em campo seu traço mais marcante em quase 80 anos de vida: a superstição, que se manifestou em pelo menos quatro momentos:

1) O Botafogo estreou um horrível uniforme branco contra a vontade da torcida, que o considerava azarado. Uniforme que, aliás, provocou um maldoso comentário de um vascaíno: "Aos poucos, o Botafogo vai virando São Cristóvão: foi para o subúrbio, joga um futebol parecido e agora se veste de branco". Ao final da partida, enquanto o mesmo vascaíno contemplava estupefato o marcador, o diretor de futebol, Olavo Sargentelli prometia: "Este uniforme branco ficará guardado apenas para enfrentarmos o Vasco. Este, sim, dá sorte".

2) Por superstição, o Botafogo sempre entra em campo pelo túnel da esquerda. Mas o Vasco, com mando de campo, obrigou o adversário a entrar pela direita. Ao final, o mesmo Sargentelli comentava: "De hoje em diante, contra o Vasco, sempre entraremos pelo túnel da direita. Este, sim, dá sorte".

3) O primeiro gol do Botafogo foi contra: Serginho colocou para dentro um chute de Ademir Lobo. No segundo, o lateral-esquerdo Gilberto, do Vasco, cruzou a própria área, como se fosse o ponta-direita do Botafogo. Zezinho Figueroa não alcançou e Jérson só teve o trabalho de completar com um toque no canto direito.

4) O terceiro gol merece um capítulo à parte na história do jogo. O ponta-direita Édson, entusiasmado com os 2 x 0 no marcador, teve um acesso de garrinchismo e ficou dando dribles de corpo em Gilberto. Até que, cansado de bailar, resolveu se desfazer da bola e deu um bico em direção à área do Vasco, a pretexto de realizar um cruzamento. Pois a bola tomou altura e encobriu o goleiro Mazaropi, completamente ofuscado pela luz dos refletores. Bota 3 x 0.

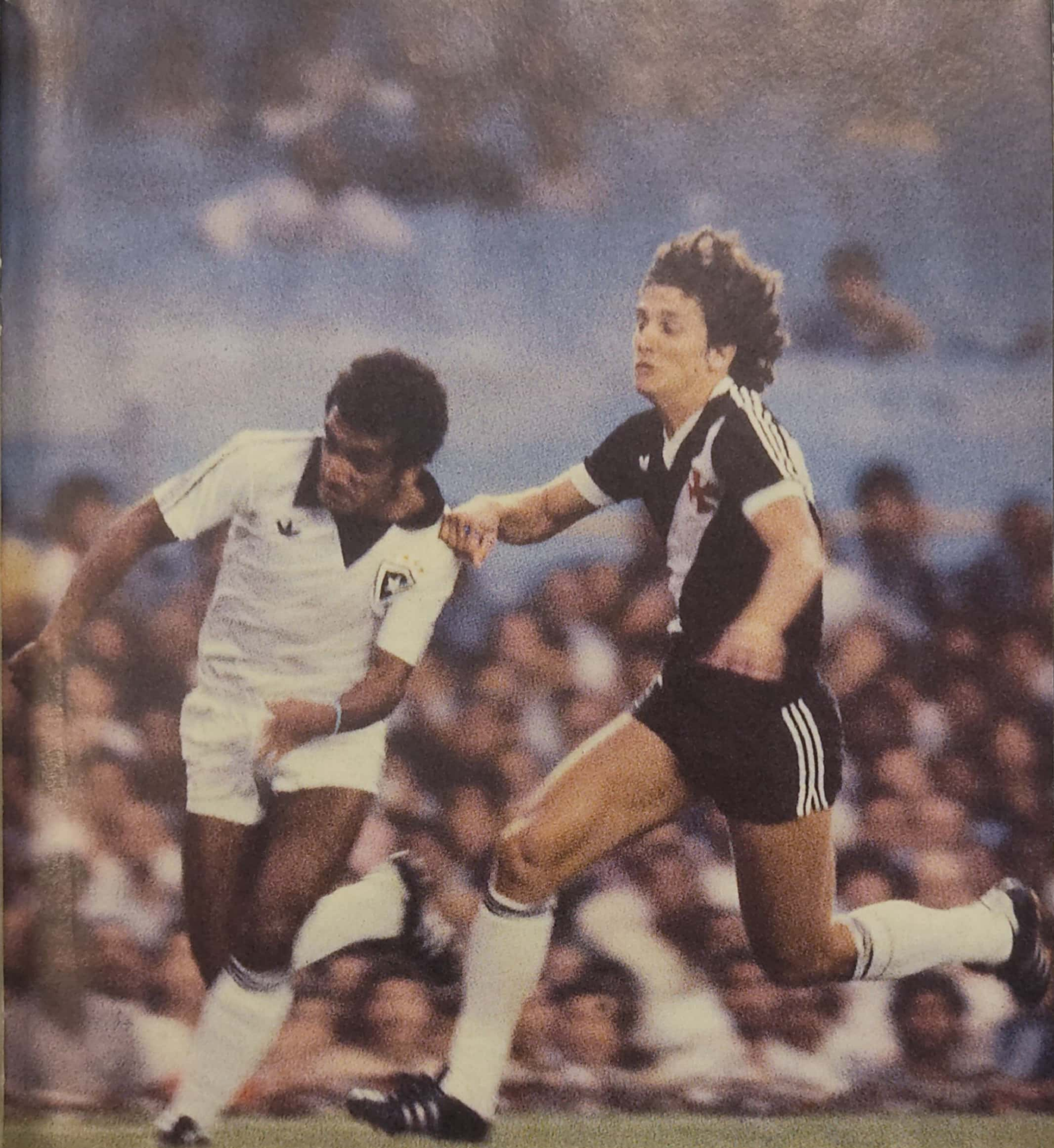
E tem mais. Quando estava 1 x 0, Roberto chutou um pênalti no travessão — o goleiro Paulo Sérgio avançou antes da cobrança e o juiz deveria ter impugnado o lance. Em cobranças de falta, o mesmo Dinamite carimbou as traves botafoguenses mais duas vezes. Na primeira delas, a bola praticamente percorreu toda a linha de gol e só então tomou efeito e saiu pela linha de fundo junto ao pé da trave esquerda.

O veterano Jairzinho fez sua melhor partida desde que voltou ao Brasil e perdeu exatos 4 kg em sua luta pela vitória. Mendonça — que dividiu com Rocha o troféu de o melhor do time — mostrou disposição incomum nas bolas divididas — numa delas, involuntariamente, provocou fratura de malar no zagueiro Ivã. O Botafogo marcou com tanta firmeza que fez exatas 25 faltas contra apenas nove do Vasco. Atacou com tamanha rapidez que, ao final da partida, o goleiro Mazaropi comentou:

— O que houve com o Jairzinho? Aqueles piques pareciam os do Furacão de 70.

Como Jairzinho, todo o time parece ter recuado no tempo, fazendo lembrar o Botafogo que, no passado, o Brasil inteiro aprendeu a admirar e a respeitar.

"O DIRETOR DE FUTEBOL DO BOTAFOGO, SARGENTELLI, PROMETIA: 'ESTE UNIFORME BRANCO FICARÁ GUARDADO APENAS PARA ENFRENTARMOS O VASCO. ESTE, SIM, DÁ SORTE'"

11/10/81 MARACANÃ(RIO)
BOTAFOGO 3 X 1 VASCO
J: Luís Carlos Félix; **R:** Cr$ 9 680 150; **P:** 43 894; **G:** Serginho (contra) 18 e Jérson 41 do 1º; Édson 25 e Marquinho 34 do 2º; **CA:** Perivaldo, Mendonça, Gaúcho Lima, Osvaldo e Paulo Sérgio
BOTAFOGO: Paulo Sérgio, Perivaldo, Gaúcho, Osvaldo e Gaúcho Lima; Rocha, Ademir Lobo (Almir) e Mendonça; Édson Carpegiani, Jairzinho e Jérson.
T: Paulinho de Almeida
VASCO: Mazaropi, Rosemiro, Zezinho Figueroa, Ivã e Gilberto; Serginho (Marquinho), Dudu e Amauri; Wilsinho, Roberto e Silvinho. **T:** Antônio Lopes

Édson: herói no dia em que o Botafogo venceu todo de branco

FOI A TARDE DE GERALDO, que vestiu a camisa 7 como se fosse Garrincha. A torcida botafoguense lavou a alma com a goleada

O BOTA ESTÁ GLORIOSO

O time lidera o 2º turno, com dois pontos de vantagem sobre o América. E, se continuar jogando como domingo, tem tudo para chegar ao título carioca, que não conquista desde 1968

>> POR MARCELO REZENDE

O preto e branco coloriu o coração desses meninos que ainda não sentiram o prazer de um título. O preto e branco, estrela solitária apagadinha nos últimos 13 anos, reencontrou-se com a glória que sempre esteve em seu caminho. Renasceu o Botafogo.

Domingo, como no campeonato de 1968, quando aplicou 4 x 0 sobre este mesmo rival conquistando seu último título carioca, o Botafogo pegou o Vasco como nos bons tempos: 4 x 1.

E, como nos bons tempos, o que contribuiu muito para a vitória foi o apoio de sua guerreira torcida. Agora, a três rodadas do final, Botafogo é líder do segundo turno do campeonato com 14 pontos ganhos, dois a mais do que o vice-líder América e três a mais do que Vasco e Fluminense, ambos dividindo a terceira colocação. O Flamengo, campeão da Taça Guanabara, aparece no longínquo sétimo lugar, com míseros sete pontos.

Renascer é isso: ser líder, humilhar os adversários e fazer muita gente desconfiar de uma coisa: neste embalo, o Botafogo pode complicar a vida do Flamengo numa eventual final carioca entre os dois times.

Vibra, torcedor botafoguense! São 29 do primeiro tempo: Geraldo, um ágil ponta-direita, pega a bola no meio-campo, dá uma meia-lua em Celso, outra meia-lua em Serginho e de fora da área, na saída de Mazarópi, encobre o goleiro para fazer 1 x 0. Gol de placa, gol de explodir corações.

Em campo, o Vasco nervoso: sem Roberto Dinamite, o time parece perturbado pelo clima pesado das eleições presidenciais, marcadas para esta sexta-feira, 12. Nervoso, o zagueiro Celso é expulso depois de dar uma cabeçada no atacante Té.

O mesmo Té que, aos 11 do segundo tempo, aproveita um cruzamento de Perivaldo e faz de cabeça Botafogo 2 x 0. O mesmo Té que, aos 43 — 20 minutos depois de Marquinhos assinalar o único gol do Vasco —, aumenta para 3 x 1. Dois minutos mais tarde, viria o tiro de misericórdia: Alemão escapa livre pela esquerda, invade a área e conclui: 4 x 1.

Vibra, torcedor botafoguense! Que bom ouvir novamente seu canto de alegria. Como era penoso ouvir seus gritos de protesto. Canta este seu time ainda limitado, mas que readquiriu confiança a partir do trabalho do técnico Zé Mário: "Olha, meu time já não se precipita. É frio, sabe esperar, envolve o inimigo. Temos falhas, claro, mas elas são superadas com o esforço de cada um."

Vibra, torcedor botafoguense! Grita o nome do líder Abel, esse zagueiro de técnica limitada, mas insuperável em dedicação e comando: "O Vasco já liquidamos, agora quero pegar o Flamengo na final. Eles vão nos pagar caro."

O Rio está colorido de preto e branco, cores de um arco-íris de felicidade, sinônimo de uma paixão que renasce nas palavras do vendedor de automóveis Fair, quase afônico de tanto gritar: "Esta camisa suja aqui ainda é do tempo do Mané Garrincha. Ele a usou e eu jamais lavei. Jurei que a traria de volta a este estádio no dia em que sentisse um Botafogo de alma nova."

"O VENDEDOR DE AUTOMÓVEIS FAIR ESTAVA QUASE AFÔNICO: 'GARRINCHA USOU ESTA CAMISA E EU JAMAIS LAVEI. JUREI QUE A TRARIA DE VOLTA A ESTE ESTÁDIO NO DIA EM QUE SENTISSE UM BOTAFOGO DE ALMA NOVA'"

7/11/82 MARACANÃ (RIO)

VASCO 1 X 4 BOTAFOGO

J: Valquir Pimentel; **R:** Cr$ 38 779 900; **P:** 77 337; **G:** Geraldo 29 do 1º; Té 11 e 43, Marquinhos 23 e Alemão 45 do 2º; **CA:** Geraldo, Jerson, Té, Mirandinha, Palhinha, Osvaldo, Josimar, Alemão e Geovani; **E:** Celso

VASCO: Mazarópi, Rosemiro, Nei, Celso e Pedrinho, Serginho, Ernani (João Carlos) e Geovani; Pedrinho Gaúcho, Jérson (Marquinhos) e Palhinha. **T:** Antônio Lopes

BOTAFOGO: Paulo Sérgio, Perivaldo, Abel, Eraldo e Josimar; Osvaldo, Alemão e Mendonça, Geraldo, Té e Mirandinha (Gaúcho). **T:** Zé Mário

Geraldo encara a marcação de Serginho: golaço no Maracanã

EM JANEIRO DE 1983, o Brasil perdia um de seus maiores jogadores. O enterro de Mané em Pau Grande motivou um emocionado relato da repórter de PLACAR

DRAMA ATÉ NA HORA DA MORTE

Milhares de pessoas compareceram ao enterro. Houve tumultos e gestos de desespero. Foi a última batalha na vida sofrida de Mané. Agora, tudo acabou. Descansa em paz, guerreiro

» POR MARIA HELENA ARAÚJO

Quando o caixão de Mané Garrincha, carregado por Djalma Dias, Brito e Bellini, deixou o estádio do Maracanã ovacionado pela multidão, não houve como conter as lágrimas. Com os olhos molhados, constatei o inevitável: até na hora da morte, a vida foi difícil para Mané.

Vida que, desde 1979, se resumia à triste rotina de ir de casa ao bar (bebia conhaque com cerveja) e do bar ao hospital. Até as suas internações — mais de uma dezena — foram conturbadas nos últimos tempos. Em novembro, sua mulher, Vanderléia, fez uma grave denúncia: "Garrincha me contou que davam bebida e até maconha aos pacientes."

Nessas idas e vindas aos hospitais, Mané sofreu tanto que já não conseguia mais conter sua amargura, justo ele que sempre levou tudo na brincadeira, criança travessa que jamais se rendeu ao correr dos anos. "Nunca fui um gênio, apenas um palhaço que corria com a bola nos pés divertindo as pessoas", costumava dizer. "Quanto aos passarinhos, abandonei todos: o último coleirinha que tive fugiu", lamentava-se.

Mané morreu sentindo-se abandonado até mesmo pelos passarinhos, sua grande paixão. Mas que bom seria se ele pudesse ter visto a multidão que se comprimiu ao longo dos 56 km da estrada que liga o Rio a Pau Grande. Eram pessoas humildes, roupas simples no corpo, colhendo flores nos canteiros e lançando sobre o seu caixão.

Era tão querido que o povo de sua terra, na ânsia de despedir-se de seu ídolo, não permitiu sequer que o padre Juventino Cardoso, da Igreja de Sant'Anna, rezasse a missa de corpo presente. Houve invasão e tumulto quando o caixão foi aberto pela última vez. Bancos foram quebrados e uma imagem de Jesus Cristo desabou no chão. Até na hora da morte as coisas ficaram difíceis para Mané.

Quando chegou ao cemitério de Vila Inhomirim, que ocupa uma área um pouco maior que a de um campo de futebol, o cortejo esbarrou num penúltimo obstáculo: era preciso pagar 4 600 cruzeiros pela cova, o que acabou sendo feito pelo cantor e deputado federal Agnaldo Timóteo. Pior: na hora de baixar o caixão à sepultura, descobriu-se que ele era maior que a vala aberta no solo.

Contornada mais essa dificuldade, finalmente, às 12h45 de sexta-feira, Mané Garrincha foi sepultado, sob os olhares de milhares de fãs — entre os quais, inexplicavelmente, não figurava nenhum jogador do futebol atual (no velório, compareceram apenas Luisinho, do América, e Robertinho, do Fluminense).

O Botafogo, clube de Mané, foi representado apenas pelo presidente Juca Mello Machado. Pelé não apareceu, mas mandou flores. Ao final do enterro, seu nome, associado a adjetivos nada elogiosos, foi gritado insistentemente por algumas pessoas. Só o forte clima de comoção e desespero pode explicar tamanha injustiça. Pelé não tem nenhuma responsabilidade na tragédia em que se transformou a vida de Mané. Enlamear-lhe a reputação não vai tornar Garrincha maior do que ele é, nem atenuar a dor de sua perda. Garrincha foi único, mágico, inimitável. Na terra, virou Alegria do Povo. No céu, passarinho liberto, há de zelar por nós.

"PELÉ MANDOU FLORES. SEU NOME, ASSOCIADO A ADJETIVOS NADA ELOGIOSOS, FOI GRITADO POR ALGUMAS PESSOAS. SÓ O DESESPERO PODE EXPLICAR TAMANHA INJUSTIÇA. PELÉ NÃO TEM NENHUMA RESPONSABILIDADE NA TRAGÉDIA QUE SE TORNOU A VIDA DE MANÉ"

Nílton Santos cobre o caixão com a bandeira do Botafogo, antes do cortejo até Pau Grande

COM O BOTAFOGO AFUNDADO na maior crise de sua história, PLACAR ouviu um nome histórico do clube, que fez uma análise precisa da situação. Sandro, que também era colunista de PLACAR, morreu em 1987, ao 69 anos, sem ver o Botafogo campeão de novo

GLÓRIA E AGONIA DA ESTRELA SOLITÁRIA

Reflexões, lembranças e críticas de um botafoguense histórico, que, saudoso de Garrincha, Didi e Jairzinho, hoje recusa-se a acompanhar a decadência de seu time

>> POR PALMÉRIO DÓRIA E TIM LOPES

PLACAR – Como o Botafogo chegou à situação atual?

SANDRO – O Botafogo começou a cair depois de 1972, naquela euforia do "ninguém segura este país", naquele falso crescimento econômico do país. Havia uma operação financeira que era chamada de "meia-três" (a Resolução nº 63, do Banco Central), pela qual se podia fazer empréstimo em dólares nos Estados Unidos. O Flamengo, por seu presidente Hélio Maurício, e o Botafogo, pelo presidente Rivadávia Correa Meyer, tomaram um empréstimo de 1 milhão de dólares, que resolvia, na época, os problemas dos clubes. Mas houve aquela vertiginosa maxivalorização do dólar e quem devia x passou a dever x mais mil.

Como a bomba explodiu nos dois clubes?

Aquilo provocou em Hélio Maurício até o enfarte que depois o levou à morte, e forçou Rivadávia a hipotecar a sede e o campo de General Severiano à Caixa Econômica Federal, que havia financiado os dólares. O Botafogo na época pagava à Caixa uma prestação mensal que era praticamente tudo o que o clube faturava com o futebol, quadro social etc. O clube existia para pagar a Caixa.

Foi então que Charles Borer entrou na história do clube?

Charles Borer não tinha nenhuma ligação sentimental com o Botafogo. Ele era um policial, um homem frio, acostumado a lidar com negócios, a querer ganhar dinheiro. Ele tinha sido técnico de basquete do Botafogo — diga-se de passagem, sem muito sucesso —, e depois, tendo ficado rico, passou a diretor de basquete.

Na época da operação meia-três, como ninguém queria ser presidente do Botafogo, ele aceitou. Mas não tinha nada a ver com o Botafogo, não sabia administrar clubes, não era homem de futebol, não contratou jogadores, esqueceu que o Botafogo tinha tradição de grandes times, passou a comprar jogadores do mercado barato.

E vendeu a sede de General Severiano, não foi?

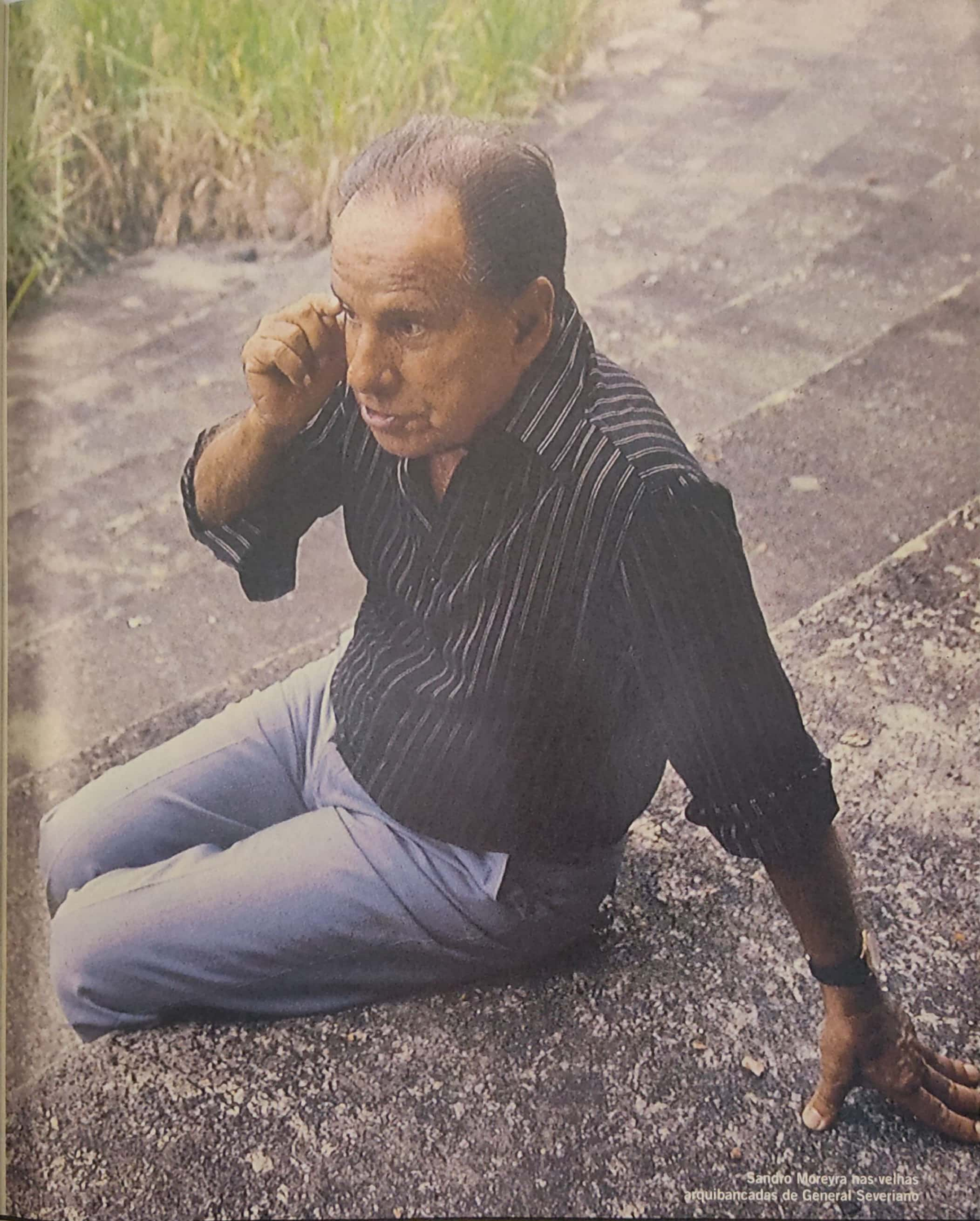
Foi a primeira coisa que ele fez. Um mês depois da posse, vendeu a sede à Vale do Rio Doce. Uma ação que depois o tempo provou ter sido precipitada, pois, enquanto isso, o Flamengo, através de Márcio Braga, que é um belo administrador, escalonava suas dívidas e ia contornando a crise.

Os sócios tentaram arranjar dinheiro para impedir a venda de General Severiano?

Sim. O dinheiro arrecadado Borer diz ter posto no open e a gente não via a cor dele. O clube não comprava jogador, não tinha time e Borer dizia: "Primeiro eu vou colocar a casa em ordem, e tal e coisa." Acabou fazendo uma permuta lá com um clube de Marechal Hermes e pegou aquele campo. Mas nem aquele campo ele soube aproveitar direito. Se você chega a Marechal Hermes, que é uma comunidade pobre, constrói ali uma pista de atletismo e uma piscina, e abre os portões para aquela comunidade, você conquista aquela gente e ali passa a ser Botafogo. Mas o Botafogo, ao contrário, fechava os portões a cadeado para ninguém entrar. Por isso o Botafogo até hoje é um estranho naquele bairro.

Você era um repórter setorista do Botafogo. Com a mudança para Marechal Hermes, o que aconteceu?

Deixei de fazer as coberturas diárias que fazia. Primeiro, porque é muito distante; depois porque me doía aquilo lá.

> "CHARLES BORER NÃO TINHA LIGAÇÃO SENTIMENTAL COM O BOTAFOGO. ELE ERA UM POLICIAL, UM HOMEM FRIO, ACOSTUMADO A LIDAR COM NEGÓCIOS, A QUERER GANHAR DINHEIRO"

Sandro Moreyra nas velhas arquibancadas de General Severiano

A CAMPANHA NO BRASILEIRÃO não foi das melhores, mas a torcida deu um show, comparecendo aos estádios. PLACAR tentou explicar o fenômeno

O DELÍRIO EM PRETO E BRANCO

Em nome de uma velha paixão, a torcida alvinegra despreza a falta de títulos, empurra o time na Copa Brasil e rivaliza com a galera do Flamengo

» POR JOSÉ ANTÔNIO GERHEIM

Na bagunça da Copa Brasil de 1986, um dos raros fatos que merecem destaque é o desempenho da fiel e sofrida torcida do Botafogo. Foi a massa alvinegra, sem dúvida, a maior responsável pelo fato de o time — todo remexido e formado às pressas — não ter sido eliminado na primeira fase da competição. Pior que o rebaixamento para a Segunda Divisão em 1987 seria a obrigatoriedade de a galera adiar, mais uma vez, a hora de berrar "sou campeão", como acontece há terríveis 18 anos. Mas a paixão pelo Glorioso não permitiu o desfecho trágico. A cada derrota, a torcida aumenta, grita mais forte e briga, mesmo com a aproximação do precipício.

Os números atestam a participação dos botafoguenses na luta pela preservação do sonho do título. Nos cinco jogos que o time disputou em casa, no início da Copa, 94 476 pessoas empurraram o alvinegro, com uma média de 18 895 por partida. O Flamengo, campeão carioca e dono indiscutível da maior galera da cidade, teve de se contentar com um público médio de 11 159 adeptos.

Como explicar o amor a um time que não aceita se transformar no "São Cristóvão da zona sul", como vaticinaram os inimigos? Para o psicólogo João Alberto Barreto, "o botafoguense é um judeu à espera do Messias que nunca chega". Ou seja: Não existe base científica para explicar tamanho envolvimento.

Segundo José Alberto, a torcida, carente de títulos, habituou-se a lotar o Maracanã ao menor sinal de surgimento do tal Messias, que pode vir na forma de um craque salvador ou de um campeonato conquistado. Isso também é chamado de "entropia do sistema", que, explica José Alberto, é algo que foge ao comum.

Ocorre que a geração de pais que viu o grande Botafogo do final da década de 50 e durante os anos 60 condiciona os filhos a seguir a estrela solitária. O fenômeno em que se transformou a torcida do Botafogo começou a ser notado já na década de 40, de acordo com o pesquisador Roberto Mércio. Autor do livro "Histórias do Futebol Carioca", ele sustenta que a paixão alvinegra deu os primeiros sinais quando o centroavante Heleno de Freitas chegou ao clube. Apaixonado pela estrela solitária, craque, temperamental, bonito e elegante, ele atraiu para o time um número cada vez maior de simpatizantes, até mulheres. Antes, o horizonte de adeptos da equipe era limitado quase que totalmente aos moradores do bairro que lhe dá o nome e a Copacabana.

Uma opinião unânime: a grande explosão da massa botafoguense viria em 22 de dezembro de 1957. Naquele dia, o time, graças ao incomparável talento de Mané Garrincha, aplicou uma goleada histórica de 6 x 2 no Fluminense, na final do Campeonato Carioca. Delírio na cidade. Dali em diante, foi mais fácil ao torcedor alvinegro encontrar aliados.

O Botafogo também rende votos. Na campanha para as eleições de 15 de novembro, vários candidatos fazem de sua opção clubística bandeira para conseguir um mandato. Da direita à esquerda, eles invocam a condição de adepto do alvinegro e confiam na fidelidade da galera. Agnaldo Timóteo, do PDS; Carlos Imperial e Eduardo Portela, do PMDB; André Barros, do PT; e Stepan Nercessian, do PCB, estão entre eles. O ator Stepan, aliás, não esconde o sonho. "Quero ser presidente do Botafogo", anuncia. A plataforma? Indicar João Saldanha para técnico da equipe.

"NOS CINCO JOGOS QUE O TIME DISPUTOU EM CASA, NO INÍCIO DA COPA, UMA MÉDIA DE 18 895 EMPURROU O ALVINEGRO. O FLAMENGO TEVE DE SE CONTENTAR COM UM PÚBLICO MÉDIO DE 11 159"

O Maracanã em festa: o jejum só fez aumentar a paixão

A TORCIDA BOTAFOGUENSE ainda teria que esperar um ano para gritar "é campeão". Enquanto isso não acontecia, PLACAR foi à procura dos protagonistas da última conquista

AQUELE BOTAFOGO CAMPEÃO

No dia 9 de julho o alvinegro completa vinte anos sem comemorar nenhum título. Os heróis da conquista de 1968 pedem que se dê apoio aos novos e continuam torcendo

>> **POR ALFREDO OGAWA E MARTHA ESTEVES**

A tarde de 9 de julho de 1968 era ideal para um grande espetáculo. O Maracanã estava tomado por 141 mil pessoas que se acotovelavam para ver o Botafogo. Cao, Moreira, Zé Carlos, Leônidas e Valtencir; Carlos Roberto e Gérson; Rogério, Jairzinho, Roberto e Paulo César, sob a direção do jovem técnico Zagallo, tentavam o bicampeonato carioca. Dentro de campo, mesmo precisando apenas de um empate, o esquadrão alvinegro não economizou: goleou o Vasco por 4 x 0, em meio aos pedidos de olé de sua torcida.

Quase vinte anos depois, no último dia 28 de maio, o Botafogo voltou ao mesmo palco de sua última conquista, fez o América cair também de quatro (4 x 1), mas a situação era completamente diferente. Apenas 1 500 fiéis torcedores assistiram à inútil goleada de seu time em meio a uma tarde de céu nublado: a campanha irregular acabou tirando a equipe das finais do Campeonato Carioca de 1988. Agora já são duas décadas na fila.

A mesma tristeza sentida pela apaixonada galera botafoguense é compartilhada por um torcedor muito especial: Carlos Roberto de Carvalho, 40 anos, há quatro treinando clubes da Arábia Saudita. Ele é o mesmo volante do histórico triunfo dos anos 60. "Meu coração fica apertado quando vejo o Botafogo jogar", conta. "Sinto muita pena."

Seu ex-companheiro de meio-campo, Gérson de Oliveira Nunes, 47 anos, o Canhotinha de Ouro, vai mais longe. "O Botafogo se perdeu quando saiu do campo de General Severiano", acredita. "É preciso começar do zero." O ex-goleiro Cao, hoje um próspero fazendeiro em Pelotas, no Rio Grande do Sul, concorda com ele. "O clube está descaracterizado", avalia. "Éramos uma família unida por um ideal na antiga sede."

Já o antigo ponta-direita Rogério, 39 anos, vê razões de outra ordem para a fase de vacas magras: "O Botafogo é como a velha sede: um cemitério malcuidado", exagera. Atualmente ele é ministro da Igreja Messiânica. Talvez por isso prefira apontar uma saída espiritual para o problema. "Só mesmo muita união e reflexão poderão salvar o time."

Preocupado com a situação, o ex-zagueirão Leônidas, 50 anos, vem trabalhando no departamento de futebol amador do clube. "A solução é dar apoio aos garotos", pede. Aos 43 anos, o ex-furacão da Copa de 1970, Jairzinho — hoje trabalhando como técnico na Arábia Saudita —, é mais enfático: "Chega de cobranças, de resultados imediatos. Qualquer jogador contratado acaba sendo obrigado a dizer que veio para ser campeão, mas sabe que não conseguirá o sonhado título no dia seguinte."

O artilheiro Roberto Miranda, titular da camisa 9 nos bons tempos, reclama da falta de cuidado com os juniores nesses anos todos. "O Botafogo não tem estrutura para formar um bom jogador", cutuca. "Quando descobre um, acaba vendendo a preço de banana." Isso aconteceu com o meia Édson Maradona. Destaque dos juvenis, foi vendido ao futebol mexicano há dois anos.

Os 11 heróis do bi de 1967/1968 pouco se vêem. Só Gérson e Roberto ainda jogam peladas juntos, num campinho de Niterói. Mas todos, como a enorme nação botafoguense, esperam ansiosos pelo dia de ver o Botafogo dar a volta olímpica no Maracanã outra vez, para incendiarem o Rio de Janeiro com um grito há muito entalado na garganta: "É campeão!"

"'O BOTAFOGO SE PERDEU QUANDO SAIU DO CAMPO DE GENERAL SEVERIANO', ACREDITA GÉRSON. 'É PRECISO COMEÇAR DO ZERO'"

Em pé: Moreira, Cao, Zé Carlos, Leônidas, Valtencir e Carlos Roberto. Agachados: Rogério, Gérson, Roberto, Jair e Paulo César

Gérson levanta a taça: tempos de festa constante

DEPOIS DE 21 ANOS DE ESPERA, finalmente se aproximava a hora da festa. Com uam campanha invicta, o Botafogo conquistou o segundo turno do estadual e ninguém mais cogitava perder o título

CHEGOU A HORA DO FOGÃO

Se depender dos jogadores, esta foi apenas a primeira alegria. Um título muito mais importante — e esperado há 21 anos — aproxima-se rapidamente

No sábado, o grito ficou preso. A tão esperada — e antecipadamente festejada — vitória sobre o Bangu não aconteceu. Com o empate de 0 x 0, o jeito era torcer contra o Flamengo no dia seguinte. Como se os deuses quisessem fazer o torcedor sofrer mais ainda, as fortes chuvas adiaram o jogo para segunda. Mas tanta angústia foi recompensada. O rubro-negro tropeçou diante do Vasco e, enfim, o grito saiu a plenos pulmões pelos quatro cantos da cidade: Botafogo, campeão da Taça Rio.

Se depender dos jogadores, esta foi apenas a primeira alegria. Um título muito mais importante — e esperado há 21 anos — aproxima-se rapidamente. "Se for preciso, vamos cuspir sangue, mas seremos campeões cariocas", promete o meia Carlos Alberto.

O Botafogo parte para essa guerra com o invejável status de único time invicto no campeonato. "Com calma e cabeça fria chegaremos lá", orienta o meia Vítor, autor do gol da vitória contra o Olaria, quarta-feira, que manteve a equipe à frente de seus rivais. O campeão da Taça Rio, porém, entra sem Jéferson, que sofreu fratura da tíbia contra o Bangu. Na segunda, ele era um dos que mais comemoravam a conquista da Taça Rio. "Sabia que todo meu sofrimento seria recompensado", dizia.

Na verdade, o título é o reconhecimento para um time que soube superar suas próprias deficiências. O Botafogo de hoje não é mais aquele que cedeu empates contra Vasco e Fluminense, quando o time parecia dono da situação.

Nesta invicta campanha da Taça Rio, a melhor imagem do Botafogo é do grupo guerreiro que arrancou uma heróica virada quando perdia de 3 x 1 do Flamengo. Os próprios rubro-negros reconhecem: aquele 3 x 3 foi fundamental para o título do Fogão.

Quis o destino que os dois se reencontrassem na final. Um fato que não acontecia desde 1962. Naquela oportunidade, o Botafogo venceu por 3 x 0 e ficou com o título carioca. Se depender do centroavante Mazolinha, a história se repetirá 27 anos depois. "Vai ser muito bonito mesmo levantar uma taça enquanto eles ficam nos olhando", imagina o atacante.

Terminado o drama da Taça Rio, a palavra de ordem é concentração total para o finalíssima. Assim, os moradores da tranqüila Nova Friburgo, cidade a 150 km do Rio de Janeiro, terão a companhia dos jogadores botafoguenses nesta semana. Algo que preocupa o ex-zagueiro Osmar Guarnelli, hoje técnico da Ponte Preta. "Estamos cometendo os mesmos erros do passado", garante. A maioria, no entanto, não concorda com o capitão do time campeão do segundo turno em 1976. Para eles, Nova Friburgo significa estar livre do perigoso clima de otimismo. "O contato diário vai servir para muita conversa. Vamos manter a confiança e partir para cima do Flamengo", explica o técnico Valdir Espinosa. O zagueiro Wílson Gottardo acrescenta: "Agora, mais do que nunca, devemos esquecer até a família para levantar essa taça". E como!

"O TÍTULO QUE O CLUBE NÃO CONSEGUIA HÁ 21 ANOS ACONTECEU NO DIA 21, COM O TERMÔMETRO DO MARACANÃ REGISTRANDO 21 GRAUS, E O GOL SAINDO NO 21° CRUZAMENTO DO JOGO, AOS 12 MINUTOS (21 AO CONTRÁRIO)"

10/6/89 MARACANÃ (RIO)
BOTAFOGO 0 X 0 BANGU
J: Pedro Carlos Bregalda; **R:** NCz$ 214 328; **P:** 45 207; **CA:** Jaílton, Édson Souza, Maurício, Julinho, Marquinhos e Macula; **E:** Zé Ricardo 44 do 2º
BOTAFOGO: Ricardo Cruz, Josimar, Wilson Gottardo, Mauro Galvão e Marquinhos; Carlos Alberto (Mazolinha), Luisinho e Vitor; Maurício, Paulinho Criciúma e Jéferson (Gustavo). **T:** Valdyr Espinosa
BANGU: Palmieri, Jaílton, Márcio Rossini, Eduardo e Xande; Édson Souza, Israel (Leo) e Zé Ricardo; Julinho, Serrano e Macula. **T:** Didi

Paulinho Criciúma, contra o Bangu: artilheiro e ídolo

O CALVÁRIO ACABARIA num dia cheio de coincidências, bem ao gosto dos botafoguenses. O jejum de 21 anos acabou num dia 21, cruzamento do camisa 14 para o camisa 7 (21 na soma): enfim, campeão de novo

A HORA DA ESTRELA

Numa final inesquecível, o Botafogo chega invicto ao título tão sonhado e, 21 anos depois, transforma o Rio de Janeiro numa contagiante loucura em preto e branco

POR CARLOS ORLETTI

Colaboraram Gilmar Ferreira, Jorge Luiz Rodrigues e Martha Esteves

Olhos avermelhados, emoção à flor da pele, Nílton Santos, 63 anos, o lendário lateral-esquerdo botafoguense nos títulos de 1948, 1957, 1961 e 1962, posicionou-se num canto da sala de aquecimento dos jogadores alvinegros e mirou compenetrado para o camisa 7. "Hoje rezei muito para Garrincha. Tenho fé que ele vai inspirar e ajudar Maurício a trazer o título de volta", confidenciava, momentos antes da partida decisiva contra o Flamengo, quarta-feira passada. Noventa inesquecíveis minutos depois, Botafogo campeão, gol de Maurício, a Enciclopédia do Futebol volta a falar, agora com lágrimas no rosto. "Eu sabia que Garrincha não nos iria deixar na mão."

Esta é a história de um botafoguense ilustre no histórico 21 de junho de 1989. Mas não é a única. Cada alvinegro, do presidente do clube aos três amazonenses que gastaram as últimas economias e viajaram do extremo norte do país para ver a final, tem sua história para contar no dia em que o Botafogo foi campeão carioca e a Estrela Solitária voltou a brilhar, 21 anos depois. A mais fantástica de todas é a do carioca Maurício de Oliveira Anastácio, 27 anos. Com a perna direita, ele escreveu uma das mais lindas e comoventes páginas na biografia do clube de Mané Garrincha. Eram 12 minutos do segundo tempo. Tudo começa com Vítor, que toca para Luisinho. O lançamento sai perfeito para Mazolinha na ponta-esquerda. O cruzamento vem pelo alto e a bola está mais para o lateral rubro-negro Leonardo. Maurício pressente que é um momento decisivo. Esperto, desloca o flamenguista com um leve toque nas costas e chuta para o fundo da rede. O ponta sai correndo e, como confessaria mais tarde, ainda tem dúvida se o gol valeu. Metade do Maracanã tem certeza. E o Rio de Janeiro começa a se vestir de preto e branco.

Marco Antônio Gusmão de Azevedo, 25 anos, também tem uma história para contar. Ele é o garotinho louro celebrizado no pôster do título de 1968, onde aparece como mascote. Morando atualmente em Fortaleza, não teve dúvida em viajara ao Rio para assistir à decisão. "Nunca senti nada parecido em minha vida", comemorava, chorando. A seu lado, a gandula Sonja, uma menina de 12 anos que comoveu o país ao chorar copiosamente na derrota de 3 x 0 para o Vasco em dezembro de 1988. Poi desde esse jogo o Botafogo não perdeu mais. Na inesquecível campanha do título, foram 24 partidas, 15 vitórias e nove empates: campeão invicto.

Um grande momento cheio de incríveis coincidências, bem ao gosto dos botafoguenses. O título que o clube não conseguia há 21 anos aconteceu no dia 21, com o termômetro do Maracanã registrando 21 graus, e o gol saindo no 21º cruzamento do jogo, aos 12 minutos (21 ao contrário). É pouco? Pois foi o primeiro chute do Botafogo na partida e o primeiro clássico que o time conseguiu vencer no campeonato.

Toda essa conjunção cabalística de números começou a se materializar aos 11 minutos do segundo tempo, quando Zico, machucado, foi substituído por Marquinhos. Um minuto depois saía o gol de Maurício. A partir daí, a magia tomou conta do estádio. Ainda faltavam dois minutos pata o fim da partida, mas ninguém suportou esperar mais. "É campeão! É campeão!", explodiu a arquibancada. A cena impressionante, então, ficou por conta da torcida do Flamengo. Reconhecendo todo o esforço, humilhação e inesgotável luta desses 21 anos, ela não resistiu e aplaudiu a volta olímpica do adversário.

"O TÍTULO QUE O CLUBE NÃO CONSEGUIA HÁ 21 ANOS ACONTECEU NO DIA 21, COM O TERMÔMETRO DO MARACANÃ REGISTRANDO 21 GRAUS, E O GOL SAINDO NO 21º CRUZAMENTO DO JOGO, AOS 12 MINUTOS (21 AO CONTRÁRIO)"

21/6/89 MARACANÃ (RIO)

BOTAFOGO 1 X 0 FLAMENGO

J: Válter Senra; **R:** NCz$ 302 592; **P:** 56 412; **G:** Maurício 12 do 2º; **CA:** Zé Carlos II, Vítor, Zinho, Luisinho, Ricardo Cruz e Mazolinha

BOTAFOGO: Ricardo Cruz, Josimar, Wilson Gottardo, Mauro Galvão e Marquinhos; Carlos Alberto Dias, Luisinho e Vítor; Maurício, Paulinho Criciúma e Gustavo (Mazolinha). **T:** Valdyr Espinosa

FLAMENGO: Zé Carlos, Jorginho, Aldair, Zé Carlos II e Leonardo; Aílton, Renato e Zico (Marquinhos); Alcindo (Sérgio Araújo), Bebeto e Zinho. **T:** Telê Santana

ARI GOMES

FERNANDO PIMENTEL

Acabou: 21 anos de sofrimento ficaram para trás

O VASCO TINHA SUA PRÓPRIA INTERPRETAÇÃO do regulamento e saiu de campo dando a volta olímpica com uma caravela improvisada como taça. O que só aumentou a gozação de quem havia conquistado o título de verdade dentro de campo

COM TODA A JUSTIÇA

Argumento imbatível, o Botafogo é campeão porque venceu no campo, contra o decantado favoritismo do Vasco

Não importa a decisão da Justiça. Muito menos as reclamações dos vascaínos, a ameaça de desfiliação por parte da Federação ou a ridícula meia volta olímpica de quem foi derrotado dentro de campo. Desde a noite do domingo, dia 29, os botafoguenses saíram às ruas do Rio de Janeiro para, com todo direito, comemorar o bicampeonato carioca.

Com todo direito, sim. Pois não se muda um regulamento no meio do campeonato. Principalmente quando a modificação não é aprovada por todos os clubes. Com todo direito porque o Botafogo — ou qualquer outro time — não pode ser prejudicado com novas regras que só beneficiam o adversário.

E, argumento imbatível, o Botafogo é campeão porque venceu no campo. Contra o decantado favoritismo do Vasco de Bismarck, Acácio, Mazinho e tantas estrelas, os 35 mil torcedores que foram ao Maracanã viram um time alvinegro com futebol compacto, garra e muito amor à camisa. Qualidades que construíram a vitória de 1 x 0, gol do meia Carlos Alberto Dias aos 34 minutos do segundo tempo.

Os problemas também não abandonaram a equipe dentro de campo. O técnico Edu deixou o clube logo depois da Taça Rio e foi para o México treinar o Vera Cruz. Mauro Galvão, líder e capitão do time, trocou o Brasil pela Suíça, onde agora defende o Lugano.

Justiça seja feita também a Emil Pinheiro, vice-presidente de futebol. No início do ano, o cartola travou uma luta sem precedentes para ver o meia Carlos Alberto Dias vestir a camisa alvinegra. O jogador já estava treinando no Flamengo, contratado ao Coritiba, quando, de repente, apareceu de contrato assinado em Marechal Hermes. "Não foi à toa que briguei por esse garoto", comemorava o bicheiro. "Ele tem estrela."

Dias comprovou a sina contra o Vasco. Assim como Maurício entrou para a história em 1989, o meia será lembrado como o autor do gol do bicampeonato. E pensar que ele esteve a ponto de ser substituído no domingo. Irritado com a fraca atuação de Dias, o técnico Joel Martins fez o massagista Paulo César passar uma bronca: "Manda ele acordar! Parece que tá dormindo, pô!"

Joel até mandou o ponta Gustavo para o aquecimento, mas o destino estava do lado de Dias. O meia Djair torceu o tornozelo e o treinador teve de manter o camisa 11 em campo. Minutos depois, Dias despertou, fez uma rápida tabela com Valdeir e chutou de esquerda, na saída de Acácio. Era o gol que dava início à festa botafoguense. Para desespero dos vascaínos.

A Federação ainda tentou estragar a comemoração e proibiu que o Botafogo carregasse a taça oficial na volta olímpica. Mas rapidamente surgiu um outro troféu, trazido pela Rádio Nova Friburgo. Enquanto isso, dirigentes do Vasco gritavam transtornados contra os campeões. "De que adianta essa confusão?", divertia-se o herói Carlos Alberto Dias. "O que vai entrar para a história é o bicampeonato do nosso time."

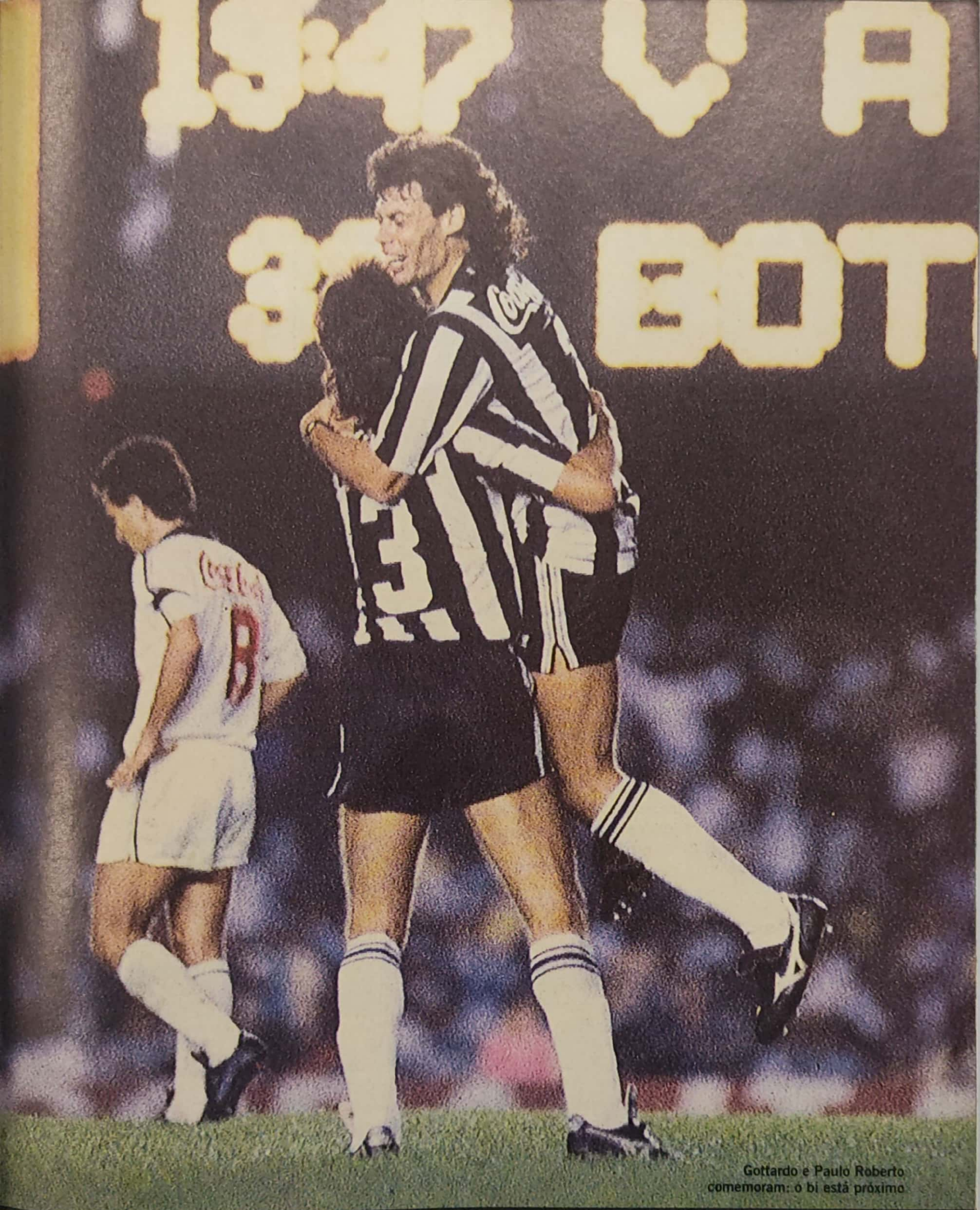
Enquanto o meia falava como vencedor legítimo, o Vasco ainda esperava no centro do campo por uma prorrogação que não viria nunca. Depois de 30 minutos de espera, tempo exigido pelo juiz Cláudio Garcia para comprovar "o abandono" do Botafogo, o time de São Januário também se achou no direito de comemorar. E deu uma melancólica volta olímpica cheia de sorrisos amarelos e uma caravela em miniatura. Um fim de festa.

"A FEDERAÇÃO TENTOU ESTRAGAR A COMEMORAÇÃO E PROIBIU QUE O BOTAFOGO CARREGASSE A TAÇA OFICIAL NA VOLTA OLÍMPICA. MAS RAPIDAMENTE SURGIU UM OUTRO TROFÉU"

29/7/90 MARACANÃ (RIO)

VASCO 0 X 1 BOTAFOGO

J: Cláudio Garcia; **R:** Cr$ 10 795 500; **P:** 35 083; **G:** Carlos Alberto Dias 34 do 2º; **CA:** Zé do Carmo, Quiñónez e Luisinho
VASCO: Acácio, Luís Carlos Winck, Célio, Quiñónez e Mazinho; Zé do Carmo, Marco Antônio Boiadeiro, Tita e William (Roberto); Sorato e Bismarck. **T:** Alcir Portela
BOTAFOGO: Ricardo Cruz, Paulo Roberto, Wilson Gottardo, Gonçalves e Renato; Carlos Alberto, Luisinho e Djair (Gustavo); Donizete, Valdeir e Carlos Alberto Dias. **T:** Joel Martins

NILTON CLAUDINO

Gottardo e Paulo Roberto comemoram: o bi está próximo

POUCA GENTE ACREDITAVA NO BOTAFOGO quando, como vice-campeão brasileiro de 1992, começou a disputar a Copa Conmebol. Mas o time conquistaria sua primeira taça sul-americana numa empolgante decisão no Maracanã

VERGONHA NA CARA E TAÇA NA MÃO

Apesar de ter um time inexperiente, o alvinegro carioca realizou uma proeza que nem com Garrincha havia conseguido: a conquista de um título internacional

Nem o lendário timaço de Nílton Santos, Didi e Garrincha, na década de 50, nem o memorável esquadrão de Paulo César Caju, Jairzinho e Gérson, dez anos depois, conseguiram a façanha realizada em 1993 por uma equipe formada de jogadores jovens mas cheios de fibra: conquistar um título internacional importante para o Botafogo. Mas se a Suélio, Sinval & Cia. faltavam o renome e mesmo a categoria extraordinária dos antigos ídolos, eles tudo superaram com uma fibra invejável.

Mas não foi fácil. Esse Botafogo guerreiro passou por maus bocados até conseguir colocar as mãos na taça da Copa Conmebol — equivalente na América Latina à Copa da Uefa na Europa, e que na sua primeira edição, no ano passado, ficou com o Atlético Mineiro. Houve mesmo situações em que o caneco esteve por lhe escapar. Tal angústia durou até o último minuto do último jogo, no Maracanã. A sofrida galera alvinegra já ameaçava armar a festa com a vitória por 2 x 1 — de virada — sobre o Peñarol, do Uruguai. Então, aos 45 minutos do segundo tempo, uma bola lançada em diagonal para a área do Bota chegou aos pés do ágil ponta-direita Otero. O chute partiu violento, alto, indefensável, empatando a partida — que o próprio Peñarol já dava como perdida — e interrompendo a festança. A partir daí o título iria para uma dramática disputa na cobrança de pênaltis.

"Nosso time não tem craques, mas tem vergonha na cara", bradou Carlos Alberto Torres durante toda a Conmebol. As palavras do treinador pareciam fadadas a levar a equipe a se superar nos momentos adversos. Foi assim depois da derrota por 3 x 1 para o Atlético Mineiro, no Mineirão, 22 dias antes da final. Depois daquele desastroso resultado, só uma vitória por três gols contra o mesmo Galo, no jogo de volta, permitiria ao Bota continuar respirando no torneio. O alvinegro carioca enfiou surpreendentes 3 x 0 no alvinegro mineiro, com o último gol — aquele que garantia a classificação para a outra fase — acontecendo apenas a três minutos do final da partida, pelos pés do meia Eliel. Foi assim também quando o goleiro William, 25 anos, caminhou para a decisão por pênaltis contra o Peñarol. Em noite de gala, ele fez a diferença: defendeu os chutes de Ferreira, Gutiérrez e Dos Santos e, pelas suas mãos, o Bota agarrou a taça que teimava em escapar.

"O título era importante demais para nós", desabafava o centroavante Sinval, artilheiro do torneio. "Ainda bem que o William pegou tudo." Chegava a hora de comemorar. Sinval e Eliel, a dupla originária do futebol paulista que marcou os dois gols da partida final — ambos em cobrança de faltas da intermediária —, eram os mais requisitados pela galera, que, frenética, invadiu o gramado. Enquanto isso, Carlos Alberto Torres repetia a plenos pulmões que a equipe "teve vergonha na cara". Teve sim, e muita. Durante todo o torneio. Foi heróica ao arrancar um empate em 1 x 1 em Montevidéu contra o mesmo Peñarol — outro gol de falta, do lateral-direito Perivaldo. Em meio à comemoração, foi André, 21 anos, quem melhor enxergou a importância do título. "Acho que entramos para a história do Botafogo", arriscava o zagueiro. Entraram mesmo. Com vergonha na cara e a inédita taça internacional na mão.

"'NOSSO TIME NÃO TEM CRAQUES, MAS TEM VERGONHA NA CARA', BRADOU CARLOS ALBERTO TORRES DURANTE TODA A CONMEBOL"

30/9/93 MARACANÃ (RIO)
BOTAFOGO 2 X 2 PEÑAROL
J: Francisco Lamolina;
R: Cr$ 8 585 800; **P:** 26 276;
G: Bengoechea 35 do 1º; Eliel 7, Sinval 22 e Otero 45 do 2º; **CA:** Baltierra, Dorta, Dos Santos, Nélson e Cláudio
BOTAFOGO: William; Perivaldo, André, Cláudio e Clei (Eliomar); Nélson, Suélio e Marcelo; Aléssio (Marcos Paulo), Sinval e Eliel. **T:** Carlos Alberto Torres
PEÑAROL: Rabadja, Tris, Gutiérrez, Dos Santos e Da Silva; Baltierra, Perdomo (Ferreira), Bengoechea (Rehermann) e Dorta; Otero e Martín Rodríguez.
T: Gregorio Pérez

A expectativa na hora dos pênaltis deu lugar à festa com a taça inédita

FOI A MAIS POLÊMICA ARBITRAGEM em uma decisão de Brasileiro. Márcio Rezende de Freitas errou nos dois gols do jogo e ainda anulou um outro legítimo do Santos. Nada disso tirou o mérito da excelente campanha botafoguense

BOTA EMOÇÃO NISSO!

A nostalgia rondou o Pacaembu. Botafogo e Santos, protagonistas do grande clássico dos anos 60, fizeram uma final de arrepiar, toda em preto e branco. Deu Fogão e deu Túlio

POR SÉRGIO GARCIA

Túlio, a estrela solitária. O título brasileiro serviu para Túlio calar aqueles que o criticavam. "Ele é artilheiro, mas seu time nunca vence nada", diziam. O atacante vingou-se com gols decisivos nas duas partidas finais e na semifinal. Um jogador tão especial mereceu tratamento especial por parte da cartolagem e da comissão técnica, o que gerou protestos velados do grupo. Nem todos os treinamentos, por exemplo, eram freqüentados por Túlio. O título apagou as desavenças. Na final, dia 17 de dezembro, no Pacaembu, Túlio fugiu das próprias características. Deu carrinhos, fez faltas, ganhou cartão amarelo e caprichou nos chutões na defesa que garantiram o empate em 1 x 1. Depois do jogo, carregado e com a bola erguida ao céu, decretou: "Sou o deus da bola!" A seita botafoguense disse amém.

O ataque do xerife – Antes de levantar o troféu e anular o craque Giovanni nas partidas finais contra o Santos, o xerife Gottardo teve que sacar da arma. No começo do campeonato seu alvo era o atacante Túlio, que se tornara o vilão da história pelo individualismo e frieza diante do grupo. Gottardo reclamou com a comissão técnica que o atacante teria que ajudar na marcação. O duelo tinha seus personagens: de um lado, Gottardo e Sérgio Manoel; do outro, Túlio. Foi preciso a intervenção do presidente Carlos Augusto Montenegro, que após a derrota para o Bragantino, no início do campeonato, fez uma reunião e cobrou profissionalismo. A bronca deu certo: o atacante começou a marcar e, mesmo não se falando fora de campo, Gottardo, Sérgio Manoel e Túlio passaram a aturar-se. "Túlio e eu tínhamos um interesse comum: o campeonato", disse o zagueiro após erguer o troféu no Pacaembu, sem esconder a relação pouco amistosa com o artilheiro.

Desculpe, doutor – O departamento médico do Botafogo esteve pela hora da morte. Irritado com o presidente Montenegro, que convocou o fisioterapeuta do Flamengo, Nilton Petroni, o "Filé", para recuperar Túlio – que se contundira antes da semifinal –, o dr. Lídio Toledo pediu demissão. Um bate-papo entre comissão técnica e médicos fez com que tudo acabasse em pizza. Uma nova onda de ciúmes estava a caminho na contusão de Donizete antes da partida final. Novamente Montenegro apelou a Filé, que sempre pediu a Romário autorização para seus free-lancers. Ao saber que os médicos estavam chateados, Montenegro procurou o dr. Joaquim da Matta. "Doutor, você perdoa todas as burradas que o torcedor Montenegro fez?", perguntou. Após o sim, um beijo na testa do médico sepultou as divergências.

Pantera debochada – Em campo, Donizete zombou dos adversários com arrancadas fulminantes. Fora dele, os companheiros sofreram com as brincadeiras do jogador. Por causa do cabelo encaracolado, apelidou Gonçalves de "Cauby Peixoto". Mas nem tudo foi festa. No meio da competição, Donizete ficou enciumado por que os cartolas só falavam na contratação em definitivo de Leandro e Iranildo. Os dirigentes acalmaram o atacante com o argumento de que seu empréstimo iria até julho de 1996, enquanto o dos outros acabaria no fim do ano.

"GOTTARDO, SÉRGIO MANOEL E TÚLIO PASSARAM A ATURAR-SE. 'TÚLIO E EU TÍNHAMOS UM INTERESSE COMUM: O CAMPEONATO', DISSE O ZAGUEIRO"

17/12/95 PACAEMBU (SÃO PAULO)
SANTOS 1 X 1 BOTAFOGO
J: Márcio Rezende de Freitas (MG); **R:** R$ 697 520; **P:** 28 488; **G:** Túlio 24 do 1º; Marcelo Passos 1 do 2º; **CA:** Wilson Goiano, Túlio, Vágner, Narciso e Jamelli
SANTOS: Edinho, Marquinhos Capixaba, Ronaldo, Narciso e Marcos Adriano; Carlinhos, Marcelo Passos e Robert (Macedo); Jamelli, Giovanni e Camanducaia. **T:** Cabralzinho
BOTAFOGO: Wágner, Wilson Goiano, Gottardo, Gonçalves e André Silva (Moisés); Leandro, Jamir, Beto e Sérgio Manoel; Donizete e Túlio. **T:** Paulo Autuori

Túlio é carregado no Pacaembu: uma mão na taça, outra em sua parceira

O TÍTULO SÓ VEIO NUM SUADO 1 x 0 em cima do Vasco, gol do amuleto Dimba. Mas todos concordavam que seria muito injusto se o Botafogo perdesse

BOTAFOGO CONTRA O CRIME

O Bem triunfou na figura do Fogão, que passou por cima dos rivais e ainda teve de vencer as armadilhas da cartolagem

O Bem triunfou na figura do Fogão, que passou por cima dos rivais e ainda teve de vencer as armadilhas da cartolagem

No fim, prevaleceu a justiça. Foi a vitória do Bem — o time mais bem armado — contra o Mal — a dupla que mais armou (Eurico Miranda, o manda-chuva do Vasco, e Eduardo Viana, o Caixa d'Água, presidente da federação carioca).

O Botafogo campeão estadual de 1997 atropelou os adversários em campo, e fora dele teve que vencer as armadilhas preparadas pelos cartolas. Eles manipularam a tabela e adiaram as finais, sempre em benefício do Vasco. Mas o crime mais uma vez não compensou.

Foram muitos os heróis a derrotar os vilões. Dessa galeria fazem parte o treinador Joel Santana, que conquistou seu sexto estadual consecutivo; o zagueiro Gonçalves, o líder da turma; e o atacante Dimba, o amuleto que fez o gol decisivo na vitória de 1 x 0 contra o Vasco. A campanha alvinegra foi inquestionável. Foram 17 vitórias, cinco empates e três derrotas, terminando a competição sete pontos à frente do segundo colocado. O estadual foi um filme em preto-e-branco com o triunfo do mocinho e final feliz.

Desbancando os atacantes, um zagueiro merece o posto de melhor jogador do campeonato. É verdade que faltou um craque lá na frente, na sala de estar — Romário, mesmo artilheiro, não mostrou uma freqüência de boas atuações. Pelo todo do campeonato, Gonçalves é o craque da cozinha.

Os longuíssimos campeonatos estaduais seguem atrapalhando a vida dos clubes grandes e iludindo os pequenos, que olham o torneio como a sua redenção financeira. Não costuma ser. Nos últimos anos, os estaduais são prejuízo certo para todos. Uma rápida passada pelos números basta para perceber que há algo errado com o calendário brasileiro. No Rio de Janeiro, a média foi de 5 176 pagantes. Já há pressão por estaduais mais curtos, com dois ou três meses de duração. Os clubes menores, que não têm outra competição para disputar, poderiam se enfrentar antes e encontrar os grandes num quadrangular, hexagonal ou octogonal decisivo. Jogos valendo muito, com todas as estrelas em campo e estádios lotados. Parece simples e lógico. Simples demais para o futebol brasileiro.

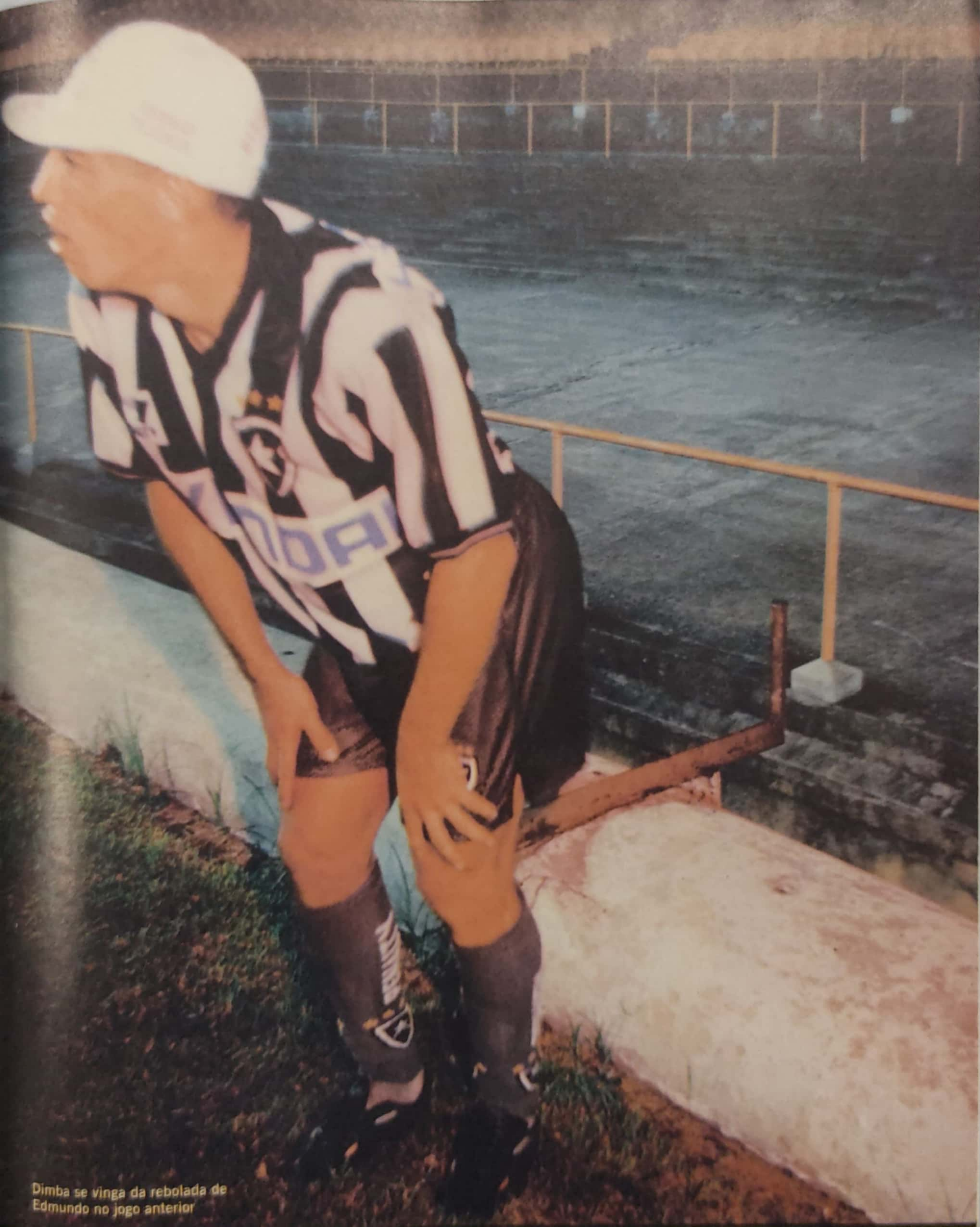
"EURICO E CAIXA D'ÁGUA MANIPULARAM A TABELA E ADIARAM AS FINAIS, SEMPRE EM BENEFÍCIO DO VASCO. MAS O CRIME MAIS UMA VEZ NÃO COMPENSOU"

8/7/97 MARACANÃ (RIO)

BOTAFOGO 1 X 0 VASCO

J: Sidrack Marinho dos Santos (SE); **R:** R$ 248 370; **P:** 16 854; **G:** Dimba 33 do 2º; **CA:** Wílson, Dimba, Aílton, Alex, Juninho Pernambucano, Moisés e Wágner

BOTAFOGO: Wágner, Wílson, Jorge Luís, Gonçalves e Jéfferson; Marcelinho Paulista, Pingo, Djair e Aílton (Marcelo Alves); Dimba (Róbson) e Bentinho. **T:** Joel Santana

VASCO: Caetano, Pimentel, Moisés, Alex e Felipe; Luisinho (Luiz Cláudio), Fabrício, Juninho Pernambucano e Ramón (Brenner); Edmundo e Pedrinho. **T:** Antônio Lopes

Dimba se vinga da rebolada de
Edmundo no jogo anterior

O PÉ-QUENTE ZÉ CARLOS foi o talismã botafoguense na conquista do torneio que abria a temporada de 1998. A taça veio num emocionante empate no Maracanã

EXTERMINADOR DE PAULISTAS

Invicto frente aos rivais de São Paulo, o Botafogo do amuleto Zé Carlos conquista o título de um torneio que está cada vez mais lucrativo

>> POR CHRISTIAN CARVALHO CRUZ E ROGÉRIO DAFLON

Faltam 14 minutos para o fim do jogo e o São Paulo vence o Botafogo no Maracanã por 2 x 1, marcador que dá à equipe paulista o título do Rio-São Paulo. Nesse momento, o meia botafoguense França se aproxima do banco: "Professor, coloca o Zé Carlos no meu lugar, assim a gente faz o gol." Gílson Nunes, técnico do Botafogo, não vacila e manda o mais novo amuleto de General Severiano para o aquecimento. Zé Carlos entra e marca o gol de empate, o gol do título. Festa do Botafogo no Maracanã. "Começamos o ano bem e terminaremos melhor ainda", comemora Túlio.

Se toda conquista tem um gosto especial, o título do Rio-São Paulo tem sabor de vingança. É o fim da soberba dos times paulistas, que se vangloriam de ser mais organizados e endinheirados. Verdade que a vantagem histórica no torneio é de São Paulo: 15 títulos contra oito dos clubes do Rio. Mas neste Rio-São Paulo nenhum paulista venceu o Botafogo. O alvinegro derrubou o Palmeiras (2 x 2 e 1 x 0), despachou o Corinthians (1 x 0 e 2 x 1), passou pelo Santos (0 x 0 e 2 x 2, nos pênaltis 4 x 3) e matou o São Paulo (3 x 2 e 2 x 2).

A outra vingança foi pessoal. "O Nelsinho (*atual técnico do São Paulo*) me barrou no Corinthians, mesmo eu sendo artilheiro do time no Paulista. O mundo dá voltas", alfinetou Túlio. Nelsinho se defende: "O time precisava de um jogador que se movimentasse mais na frente." O atacante passou o diabo na mão do treinador e até incorporou mudanças no seu estilo de jogar. Deixou de ficar paradão, voltando para buscar a bola. Pode ter agradado a técnicos míopes, mas deixou de fazer tantos gols.

O meia Sérgio Manoel era outro com sede de vingança. "Tenho mágoa do Santos", disse antes da partida que desclassificou a equipe santista. "Lá não me deram valor." O mesmo jogo marcou a volta de Sérgio Manoel ao Botafogo, depois de uma temporada infeliz no Grêmio. "No Grêmio eu não podia pôr meia curta para treino leve, tinha que ser a camisa assim, o short assado", bronqueia o meia. "Aqui não tem frescura."

Também Bebeto, desprezado por Vasco e Flamengo, comemorou muito o título. Enquadrou-se bem no Fogão e até tentou acabar com a fama de bom menino. Na partida contra o Palmeiras, no Maracanã, respondeu, com o dedo em riste, às provocações do goleiro Velloso e passou boa parte do jogo ouvindo ameaças do técnico palmeirense Luiz Felipe Scolari. "Manda avisar o Bebeto que ele é que vai chorar depois", berrava Felipão. E Bebeto não fugiu do pau.

Só não conseguiu escapar de uma feijoada assassina, que o tirou do primeiro jogo da final. "Que feijoada o quê! Foi só feijão", dizia aos jornalistas, enquanto o zagueiro Gonçalves cantarolava às suas costas: "Feijão, feijão, feijão."

O time que venceu o Rio-São Paulo lembra muito o do título brasileiro de 1995, a começar pelo goleiro Wágner, que pegou tudo no Rio-São Paulo. Além dele, Gonçalves, Wilson Goiano, Sérgio Manoel e Túlio fizeram parte do elenco de 1995.

"BEBETO, DESPREZADO POR VASCO E FLAMENGO, COMEMOROU MUITO O TÍTULO. ENQUADROU-SE BEM NO FOGÃO E ATÉ TENTOU ACABAR COM A FAMA DE BOM MENINO"

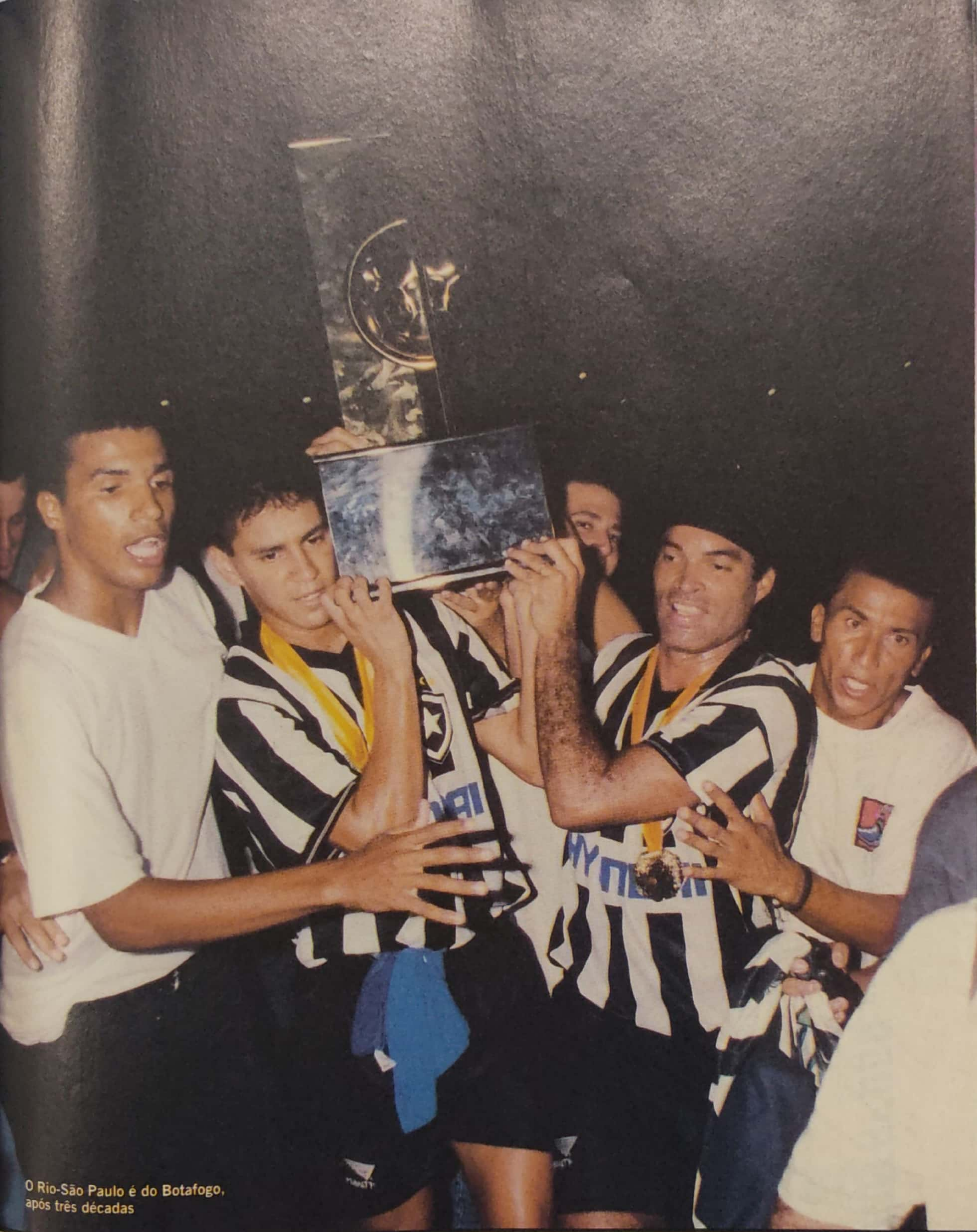
4/3/98 MARACANÃ (RIO)

BOTAFOGO 2 X 2 SÃO PAULO

J: Oscar Roberto Godoi (SP); **R:** R$ 569 775; **P:** 56 334; **G:** Jéferson 11, Adriano 37 e Dodô 43 do 1º; Zé Carlos (Botafogo) 31 do 2º; **CA:** Zé Carlos (Botafogo), Denilson, Carlos Miguel, Zé Carlos (São Paulo), Djair, Gonçalves, Jéferson, França e Jorge Luís

BOTAFOGO: Wágner, Wilson Goiano, Jorge Luís, Gonçalves e Jéferson; Pingo, França (Zé Carlos), Djair e Sérgio Manoel (Alemão); Bebeto e Túlio. **T:** Gílson Nunes

SÃO PAULO: Rogério Ceni, Zé Carlos, Capitão, Márcio Santos e Serginho; Sidney, Carlos Miguel, Fabiano (França) e Adriano (Gallo); Dodô e Denilson.

T: Nelsinho Baptista

O Rio-São Paulo é do Botafogo, após três décadas

BOTAFOGO CAMPEÃO BRASILEIRO 1995

EM PÉ: Wilson Gottardo, Grotto, Gonçalves, Carlão, Jamir, Wágner e Donizete. **AGACHADOS:** Túlio, Narcísio, André Silva, Moisés, Leandro, Iranildo, Wilson Goiano e Sérgio Manoel

MARCO ANTÔNIO CAVALCANTI

A HISTÓRIA DA ARTE

Uma coletânea com as melhores matérias e fotos dos 13 maiores clubes brasileiros, publicadas em PLACAR desde os anos 70.

Peça já ao seu jornaleiro